

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL**  
**DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DO SERVIÇO SOCIAL**

**Feminismo e Empoderamento Feminino:**

Um olhar sobre a Oficina Maré de Sabores

ROSANA DE SOUSA RODRIGUES DA SILVA

Rio de Janeiro

Outubro de 2016

ROSANA DE SOUSA RODRIGUES DA SILVA

**Feminismo e Empoderamento Feminino:**

Um olhar sobre a Oficina Maré de Sabores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Serviço Social.

Orientador (a): Andréa Moraes Alves

Rio de Janeiro

Outubro de 2016

ROSANA DE SOUSA RODRIGUES DA SILVA

Feminismo e Empoderamento Feminino: um olhar sobre a oficina Maré de  
Sabores

Monografia apresentada à Escola de Serviço Social da  
UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de  
Bacharel em Serviço Social.

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Orientador (a): Prof. Andréa Moraes Alves – UFRJ

---

Professor (a) Convidado (a): – Patricia Silveira de Farias – UFRJ

---

Professor (a) Convidado (a): Rosemere Santos Maia – UFRJ

Rio de Janeiro  
outubro de 2016.

*À minha querida e grande amiga Cristiane Lindoso da Costa, que embarcou na jangada que leva para o lado de lá cedo demais para presenciar e dividir comigo esta conquista.*

## **Agradecimentos**

Agradecida por inteiro ao nosso divino mestre por me conceber força e perseverança nessa longa caminhada a qual não foi fácil com grandes obstáculos vivenciados nesse período, mas que por muita garra e força foi possível transformar sonhos em realidades.

As minhas queridas do meu coração, a minha eterna e imensa gratidão a minha mãe Rosa Francisca e a minha irmã Rosangela Souza por todo o amor, carinho, afeto, compreensão por vezes da minha ausência, apoio e palavras de atitudes e incentivo direcionadas a mim. Amo vocês incondicionalmente. Vocês são muito importantes para mim!

Um agradecimento muito especial de todo o coração ao meu companheiro e amigo de todas as horas Klaus Grunwald, por ter vivido ao meu lado tudo isso desde o início da graduação. Obrigada pelo suporte de sempre, pelas palavras encorajadoras, pela escuta acolhedora, pelo carinho e pela torcida constante. Eterna gratidão a ti.

Aos meus grandes amigos lindos, Camila Guedes, Leonardo Pinheiro e Vanessa Pereira, pelo conhecimento compartilhado não somente para a construção deste trabalho, mas para a minha vida como um todo, pela amizade e conversas descontraídas. Vocês são inesquecíveis!

À minha orientadora Andréa Moraes Alves pela atenção, empenho e pelas sugestões desafiadoras que me fizeram crescer. Obrigada pela compreensão, entusiasmo e apoio na elaboração desta monografia. O meu imenso Obrigada!

Aos professores da UFRJ que contribuíram de forma plena e expressiva na minha formação enquanto graduanda do curso de Serviço social.

O CRMM-CR possui um papel muito importante na minha trajetória acadêmica como também, para a construção do meu pensamento crítico em relação à questão das desigualdades de gênero impostas pela sociedade. Fico muito grata pelo conhecimento adquirido neste equipamento a qual irei levar por toda a vida.

O meu mais sincero agradecimento as profissionais do Projeto Maré de Sabores por ter me concedido as entrevistas de forma aberta e por terem contribuído de forma exemplar e significativa para a minha pesquisa. Gratidão.

Agradeço também a Redes de Desenvolvimento da Maré por permitir a efetivação da pesquisa.

## **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo conhecer os mecanismos da subjetividade feminina a partir da aprendizagem coletiva que a oficina Maré de Sabores propicia para as mulheres do Bairro Maré. Do ponto de vista metodológico, priorizou-se a realização de entrevista semiestruturada com três profissionais da instituição Redes de Desenvolvimento da Maré, com a finalidade de colher dados para o tema proposto.

A pesquisa bibliográfica empreendida permitiu estabelecer um quadro teórico necessário à análise dos dados obtidos. Tal estudo chama a atenção para a importância da relação entre as profissionais que integram a Oficina e as participantes da oficina que com diversas histórias de vida estão se reconhecendo como sujeitos plurais, sendo integrantes ativas na construção de uma história coletiva. São mulheres que equilibram o seu tempo entre os afazeres domésticos, o trabalho remunerado com as horas dedicadas ao curso de gastronomia, construindo novas perspectivas femininas tendo como pano de fundo o conhecimento coletivo concebido pela oficina Maré de Sabores.

**Palavras chave:** feminismo, violência contra a mulher, subjetividade feminina, empoderamento feminino, Mulher e Maré.

## **Abstrac**

This study aims to understand the mechanisms of female subjectivity from the collective learning that Maré de Sabores workshop provides to the women of Maré district. From a methodological point of view, the priority is to perform semi-structured interviews with three professional from Redes de Desenvolvimento da Maré institution, in order to collect data for the theme.

The undertaken literature allowed to establish a theoretical framework for the analysis of the obtained data. This study draws attention to the importance of the relationship between professionals within the workshop and the participants of the workshop with various life stories are being recognized as plural subjects, active participants in building a collective history. They are women who balance their time between housework, paid work with the hours dedicated to the gastronomy's course, building new female perspectives by having as the collective knowledge background provided by Maré de Sabores workshop.

**Palavras chave:** feminism, violence against women, female subjectivity, female empowerment, Women and Maré.



## **Siglário**

ATI	Academia da Terceira Idade
CAPSI	Centro de Atenção Psicossocial
CEASM	Centro de Ações Solidárias da Maré
CF	Clínica da Família
CMS	Centros Municipais de Saúde
CRAS	Centro de Referência da Assistência social
CRMM-CR	Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa
EDI	Espaço de Desenvolvimento Infantil
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IPP	Instituto Pereira Passos
ISP/SESEG	Instituto de Segurança Pública
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome
MJ	Ministério da Justiça
MS	Ministério da Saúde
PCP	Programa Criança Petrobrás
SDH	Secretária de direitos Humanos
SPM	Secretária de Políticas para as Mulheres
UPA	Unidade de Pronto Atendimento

## Sumário

Introdução .....	11
Capítulo 1 .....	14
1. A Trajetória do Movimento Feminista no Brasil .....	14
1.1 O Feminismo na sua Contemporaneidade .....	19
Capítulo 2 .....	23
2. O Bairro Maré .....	23
2.1 Perfil Sócio-Econômico da população do Bairro Maré.....	23
2.2 Dados sobre violência contra a mulher no bairro Maré.....	27
2.3 Maré de Sabores / Curso de Gênero e Cidadania .....	30
2.4 Perfil das mulheres do Maré de Sabores .....	32
2.5 Redes de Desenvolvimento da Maré .....	33
Capítulo 3 .....	35
3. Análise das Entrevistas.....	35
Considerações Finais .....	46
Referências Bibliográficas:.....	49
Anexos .....	51

## **Introdução**

A violência doméstica atinge mulheres em todo o Brasil e também em todo o mundo. Para entendermos esse fenômeno é preciso observar os estudos teóricos que apreendem e definem o fato social da violência contra as mulheres e o lugar das mulheres em relação à violência. É notório que a violência contra a mulher se constitui como um crime grave, mas são permanentes as notícias de agressões das mesmas, tanto no que se refere a violência física, como psicológica, patrimonial e sexual. É perceptível o aumento da taxa de assassinatos de mulheres brasileiras na última década. A violência contra a mulher tem raízes profundas, ligadas a relações de classe, raça, etnia e gênero. Configurou-se na sociedade papéis e atividades de poder para os homens enquanto que, para as mulheres se restringiu apenas seu papel ao âmbito doméstico e familiar.

As inquietações e questionamentos que geraram interesse pelo tema violência doméstica e feminismo se deram a partir da minha experiência como estagiária no Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa (CRMM-CR). O CRMM-CR é um projeto de extensão do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas em Direitos Humanos (NEPP-DH) e este, por sua vez, pertence ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É parte integrante da Política Nacional de Enfrentamento à Violência Contra as Mulheres em busca do fortalecimento da política pública voltada para a prevenção e enfrentamento da violência de gênero. A atuação do estagiário (a) no referido campo se dá a partir das realizações de algumas atividades. Essas atividades proporcionam para o estudante a formação/capacitação da (o) aluna (o) para o exercício profissional junto a temáticas como: violência de gênero, educação não sexista, Direitos Humanos, cidadania feminina, etc. Assim como, estimula esse estudante a participar de pesquisas e ter interesse na produção científica no campo da violência de gênero, da promoção da cidadania, dos Direitos Humanos, da desigualdade social, da produção das vulnerabilidades sociais, entre outros assuntos. Como também contribui para a formação de quadros profissionais capacitados para o atendimento às mulheres em situação de violação de direitos e violência.

Sendo assim, o meu interesse inicial para a elaboração da pesquisa era retratar o direito de cidadania da mulher em situação de violência, seja a doméstica, a física, a sexual, a

patrimonial, a psicológica ou a moral. Como estagiária do CRMM, pensei em realizar a pesquisa do CRMM no ano de 2015, a partir dessa experiência.

Não obstante, a realização dessa pesquisa não foi possível, pois houve paralisação das atividades dificultando a permanência no CRMM-CR e na realização das atividades oferecidas por este equipamento.

Como primeiro exemplo para a não realização da pesquisa, cito os intensos conflitos devido a entrada do exército no complexo da Maré, seja por diferentes facções pela disputa de territórios e/ou entre a polícia e a facção. Tanto em locais muito próximos ao CRMM-CR quanto em regiões mais distantes do mesmo, causando assim, o fechamento desse equipamento, em função da constante troca de tiros, tendo como consequência a diminuição na procura dos serviços do CRMM-CR assim como, entre outras instituições no interior do Bairro Maré. Outro fator atípico foi a falta de motorista para levar os técnicos administrativos ao campo, considerando que o mesmo possui um protocolo de segurança e os funcionários só podem entrar na Maré com o carro da UFRJ. Por fim, a greve dos estudantes, dos professores e dos técnicos administrativos também ocasionou para a não reabertura do CRMM-CR.

Diante deste contexto, optou-se pela busca de uma outra instituição na Maré. Como sou moradora do bairro Maré já tinha um conhecimento da Ong Redes de Desenvolvimento da Maré assim como o Projeto Maré de Sabores criado pela mesma instituição. O Maré de Sabores tem como objetivo contribuir para a melhoria da qualidade de vida de mulheres das 16 comunidades do bairro Maré, através da qualificação profissional na área de culinária, do apoio à construção de sua autonomia econômica, do aumento da autoestima e da formação cidadã, por meio da capacitação na área de gênero, direitos humanos e cidadania bem como, contribuir para o combate a todos os tipos de violência contra a mulher, em especial a violência doméstica. Além disso, colabora para a formação cidadã e ampliação do conhecimento sobre direitos das mulheres da Maré. A princípio a ideia seria trabalhar com as mulheres participantes do projeto mencionado. Também não foi possível trabalhar com as mesmas para a realização da pesquisa, por conta do sigilo e da privacidade dessas mulheres.

Dessa maneira, foi escolhido trabalhar com as profissionais que atuam no referido projeto. Será apresentado a instituição Redes de Desenvolvimento da Maré e o Projeto Maré de Sabores através dessas profissionais assim como, os seus olhares com relação ao tema violência contra a mulher e o debate do feminismo.

Soares (2003) explica que a cidadania é um dos eixos de ação e reflexão do movimento feminista sendo também, uma das preocupações democráticas do fim do século, no aspecto nacional e global. A cidadania estabelece, ainda, um pólo importante de articulação da longa luta das mulheres pela igualdade, possibilitando novos conteúdos democráticos. A cidadania por sua vez possui um eixo significativo na composição de alianças entre os diversos grupos sociais, preocupados em ampliar os limites das cidadanias restringidas, em virtude das múltiplas discriminações.

Dessa forma, no primeiro capítulo é realizado um breve histórico acerca da trajetória do movimento feminista brasileiro bem como, o feminismo na sua forma contemporânea. No segundo capítulo será apresentado o bairro da Maré, em seguida o Projeto Maré de Sabores e posteriormente a instituição Redes de Desenvolvimento da Maré. Já no terceiro e último capítulo serão expostos as análises das entrevistas realizadas com as profissionais do projeto.

## Capítulo 1

### 1. A Trajetória do Movimento Feminista no Brasil

O movimento feminista ao longo de sua trajetória lutou e luta contra a opressão e discriminação da mulher. Tem por exigência a busca e a legitimidade por igualdade, liberdade, direitos civis, direitos políticos e sociais. Esse movimento foi de grande importância histórica na conquista de alguns direitos para as mulheres, já que as mesmas vivem sob a dominação masculina e as desigualdades que incidem no cotidiano dessas mulheres.

Céli Regina Jardim Pinto (2003) nos conta um pouco como se deu esta trajetória do movimento feminista brasileiro a qual foi de extrema importância na luta pelas causas das mulheres. A autora nos apresenta a primeira fase do feminismo (década de 1920) onde o mesmo teve como eixo central a inserção das mulheres nos direitos políticos que pregavam a participação eleitoral das mulheres como candidatas e eleitoras. Nesse primeiro momento quem liderava o movimento sufragista era Bertha Lutz que se colocava na defesa da mulher como sujeito portador de direitos políticos, mas não questionava a opressão da mulher pelo homem.

Jardim Pinto (2003) nos apresenta também a segunda tendência, por ela denominada de feminismo difuso ou “mal-comportado”, que é elaborado por mulheres cultas que possuem visões mais amplas a qual abordam temas como: educação da mulher, a dominação masculina e assuntos mais delicados para a época, como por exemplo, a sexualidade e o divórcio. Já a terceira e última vertente que a autora nomeia de o “menos comportado dos feminismos”, temos a presença de Maria Lacerda de Moura, que tem como questão central o movimento anarquista e mais adiante o Partido Comunista. Aqui se tinha mulheres trabalhadoras e intelectuais que, por sua vez, eram militantes desses movimentos de esquerda, pregavam a libertação da mulher de forma mais radical cujo foco era a luta contra a exploração do trabalho.

Outro ponto de suma importância abordado pela autora é o surgimento de um “novo feminismo” no período do golpe militar de 1964. Céli Regina Jardim Pinto (2003) contextualiza o cenário brasileiro na época. De acordo com a autora:

O golpe militar de 1964 inaugurou os longos anos de um regime marcado por cassação de direitos políticos, censura, prisões arbitrárias, tortura, desaparecimentos e exílio. A partir de dezembro de 1968, com a decretação do tristemente famoso Ato Institucional nº 5 (AI-5), as condições de qualquer atuação política tornaram-se extremamente duras e perigosas no país (PINTO, Céli Regina Jardim, 2003. p. 42).

Nesse sentido, seguindo as contribuições de Céli Regina Jardim Pinto (2003), em seu livro *Uma história do feminismo no Brasil*, a mesma demonstra as circunstâncias do feminismo em pleno governo Médici no qual foi instalado, a partir de 1969, um regime de terror com uma política de repressão. Logo, é a partir desse cenário que o pensamento e a ação feminista no Brasil se desenvolvem. Havia uma grande efervescência política tanto na Europa como nos Estados Unidos, pois o clima era de revolução de costumes com uma radical renovação cultural. No Brasil, por sua vez, o ambiente era de extrema repressão e morte. Assim, é possível perceber que o movimento feminista teve grande influência a partir dos acontecimentos políticos nos dois hemisférios. A autora demonstra como um aspecto importante da organização do movimento feminista no Brasil a presença das mulheres, tanto nas camadas médias como nas camadas populares no Brasil. Organizações, como por exemplo, movimento contra a carestia, os clubes das mães e o movimento pela anistia passaram a pensar a condição de dona de casa, esposa, mãe e na participação das mesmas no mundo público, mas ainda sem abordar a questão da opressão da mulher.

Ainda caminhando juntamente com as reflexões de Céli Regina Jardim Pinto (2003), nas quais a autora afirma que o feminismo brasileiro surgiu em um paradoxo difícil. Se por um lado teve que atenuar as tensões entre uma perspectiva autonomista com lutas contra a ditadura militar no Brasil, por outro, foi considerado pelos componentes desta mesma luta como um desvio pequeno-burguês. Conforme a escritora:

O movimento feminista, em países como o Brasil, não pode escapar dessa dupla face do problema: por um lado se organiza a partir do reconhecimento de que ser mulher, tanto no espaço público como no privado, acarreta conseqüências definitivas para a vida e que, portanto, há uma luta específica, da transformação das relações de gênero. Por outro lado, há uma consciência muito clara por parte dos grupos organizados de que existe no Brasil uma grande questão: a fome, a miséria, enfim, a desigualdade social, e que este não é um problema que pode ficar fora de qualquer luta específica. Principalmente na luta das mulheres e dos negros, a questão da desigualdade social é central (PINTO, Céli Regina Jardim, 2003. p. 45).

Em virtude do que foi mencionado a autora nos assegura que é a partir desse quadro que o movimento feminista brasileiro deve ser entendido, para ela:

É um movimento que luta por autonomia em um espaço profundamente marcado pelo político; defende a especificidade da condição de dominada da

mulher, numa sociedade em que a condição de dominado é comum a grandes parcelas da população; no qual há diferentes mulheres enfrentando uma gama de problemas diferenciados (PINTO, Céli Regina Jardim, 2003. p. 46).

Em 1972, surgem as primeiras manifestações, ocorrem dois eventos distintos, que irão apontar para a história e as contradições do feminismo no Brasil: o primeiro foi o congresso promovido pelo Conselho Nacional da Mulher, conduzido pela advogada Romy Medeiros. Já o segundo, foram as primeiras reuniões de grupos de mulheres no Estado do Rio de Janeiro e São Paulo, de cunho quase que privado, sendo um traço do novo feminismo no Brasil. Céli Regina Jardim Pinto (2003) afirma que em 1949 foi criado o Conselho Nacional de Mulheres que tinha por objetivo lutar por iniciativas institucionais em prol das mulheres.

Outro marco importante na história do feminismo brasileiro colocado por Céli Regina Jardim Pinto (2003) é o Ano Internacional da Mulher no ano de 1975, decidido pela ONU (Organização das Nações Unidas). Ainda no mesmo ano é elaborado um evento com o intuito de comemorar o Ano Internacional da Mulher, patrocinado pelo Centro de Informação da ONU, esse evento ocorreu no Rio de Janeiro e tinha como título “O papel e o comportamento da mulher na realidade brasileira”. O evento teve como resultado a criação do Centro de Desenvolvimento da Mulher Brasileira. Dessa forma, fica claro que tanto a organização do evento como a criação do centro são exemplos de que o feminismo brasileiro se fortaleceu. Para a realização do evento se teve como base os dois grupos informais que buscaram o patrocínio da ONU e elaboraram o evento, sendo um marco no feminismo do país. O surgimento do centro se preocupava com a questão da mulher, como também, a própria formalização do mesmo era de suma importância, assim apontava para uma virada radical do movimento feminista e também o tornava público.

O ano de 1975 também foi o ano do surgimento do Movimento Feminino pela Anistia. Esse movimento foi fundado por Terezinha Zerbini, onde a mesma junto com outras feministas buscava resolver o problema da anistia. O movimento reunia familiares de pessoas que tinham sido exiladas, presas ou até mesmo desaparecidas. Esse movimento pela anistia esteve ligado também ao Ano Internacional da Mulher, juntamente com a reunião da ONU. Nesse sentido, as mulheres de classe média, intelectualizadas, estudantes que estiveram exiladas nos Estados Unidos e na Europa ou mesmo viajantes que buscavam novas experiências, voltaram para o Brasil com uma nova forma de pensar a sua condição de mulher, onde o papel de mãe, companheira e esposa não mais serviam, pois essas mulheres



passaram a conhecer os seus direitos, descobrindo os seus corpos com suas mazelas e seus prazeres.

Com o processo de redemocratização dos anos 1980 um novo quadro começa a surgir para o feminismo brasileiro. Céli Regina Jardim Pinto constata que:

O movimento feminista, particularmente, tomou novos rumos. A volta à normalidade política foi a grande questão daquele momento político, pois levou as militantes feministas até então identificadas com o MDB (Movimento Democrático Brasileiro) a se dividirem entre o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro, sucedâneo do MDB) e o PT (Partido dos Trabalhadores). A questão política parecia dominar o feminismo em 1982, quando das primeiras eleições gerais no país (exceto para presidente da República). Com o processo de redemocratização mais avançado surgia uma nova divisão entre as feministas: de um lado ficaram as que lutavam pela institucionalização do movimento e por uma aproximação da esfera estatal e, de outro, as autonomistas, que viam nessa aproximação um sinal de cooptação (PINTO, Céli Regina Jardim, 2003. p. 68).

Outro fator significativo na história do feminismo brasileiro é o surgimento da primeira delegacia especializada em violência contra a mulher a partir de 1985. Céli Regina Pinto (2003) nos relata que essas delegacias se popularizaram em todo o país. Aponta que a criação das delegacias como uma política pública surgiu como uma demanda das feministas, cujo objetivo seria a formação de um espaço na polícia onde o ambiente não fosse hostil às mulheres agredidas. Nos revela ainda, que tanto o feminismo, as feministas e as delegacias da mulher não solucionaram a questão da violência contra a mulher, mas a mesma afirma que houve um avanço referente ao reconhecimento da mulher como vítima de violência e que essa mulher possui direitos. O tema da violência é central para o feminismo brasileiro da década de 1980 até hoje muitos avanços foram conquistados, o mais notável foi a Lei Maria da Penha de 2006.

Outro tema de suma importância no movimento feminista a partir da década de 1980 foi a questão da saúde da mulher com a implementação do Programa de Atenção Integral à Mulher (PAISM), pelo Ministério da Saúde, que além de abordar os temas tradicionais, como por exemplo, os cuidados com a maternidade e a prevenção do câncer, também se reporta ao planejamento familiar, sexualidade e aborto. Esse programa, por sua vez, teve intervenções bem sucedidas de um movimento social organizado no campo das políticas públicas, pois envolviam todas as fases da vida da mulher desde sua adolescência até a velhice, levando em consideração não só a dimensão biológica, mas também, a condição social dessas mulheres.

Em sua obra, Pinto (2003) discute um elemento que emerge nos anos 1990. Esse elemento é a atuação das ONGs no feminismo. A presença desse tipo de organização no Brasil e as mudanças que elas desempenham no movimento feminista devem ser observadas por meio do próprio modelo institucional desse tipo de fundação pois, segundo a autora, há algumas limitações por parte dessas organizações, como por exemplo, a necessidade do financiamento por fundações internacionais se colocando a mercê dos critérios estabelecidos para a arrecadação de fundos e a institucionalização.

Céli Regina Jardim Pinto (2003) observa que ao longo da década de 1990 surgem várias ONGs feministas no Brasil, de diferentes tamanhos, com recursos e finalidades diversas. Ela indica como exemplos algumas organizações, a saber: o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (CFEMEA), que foi criado em 1989, com sede em Brasília a qual se articula com as questões das mulheres em conjunto com o Congresso Nacional; de menor porte as Ações em Gênero, Cidadania e Desenvolvimento (AGENDE), também com sede em Brasília; que por sua vez, atua com as ações de *advocacy stricto sensu*<sup>1</sup>. Outra ONG, criada nesse período, é a Articulação da Mulher Brasileira (AMB), onde a mesma foi implementada para organizar a ida das mulheres brasileiras a Conferência Mundial de Pequim em 1995, essa organização trabalha na assessoria e coordenação dos movimentos de base. Já a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, criada em 1991 e também conhecida como RedeSaúde, agrega 110 filiadas em 20 estados. A Rede Saúde possui um papel importante nas políticas públicas voltada para a saúde da mulher. Aponta ainda a Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação (CEPIA), a Themis Assessoria Jurídica (THEMIS) e o Comitê Latino-Americano e do Caribe para a defesa dos Direitos da Mulher que atua em parceria com a Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados.

A autora chama a atenção para o fato de que as ONGs não pretendem e não conseguem ampliar os espaços de participação das mulheres na política institucional. Neste particular, não se distinguem dos movimentos sociais das décadas de 1970 e 1980, que tampouco obtiveram êxito nesse sentido (PINTO, 2003, p.99). Dessa forma, de acordo com Pinto (2003), a presença de ONGs feministas no campo da política não se esgota nos exemplos aqui citados. A mesma coloca que:

---

<sup>1</sup> “Quando falamos de advocacia, falamos de advogar por políticas e processos de transformação, por valores e crenças, por consciência e conhecimento. Falamos em influenciar o poder em questões e problemas que concernem aos cidadãos, sobretudo àqueles marginalizados e excluídos dos processos políticos. Falamos em construir organizações fortes e democráticas, em fortalecer a sociedade civil em sua ação de controle social e responsabilização de agentes institucionais”.

há um outro tipo de organização que atua no campo da política e não se relaciona diretamente com o Estado, mas com as mulheres, organizando-as e buscando aumentar o seu poder para agirem na esfera pública – a do “empoderamento” das mulheres, principalmente das camadas populares. Um exemplo particularmente ilustrativo é o de uma ONG de mulheres negras, a Geledés, com uma forte atuação contra o racismo envolvendo homens e mulheres, que na apresentação de sua página eletrônica afirma ter “por missão institucional o combate ao racismo, ao sexismo e a valorização e promoção das mulheres negras em particular e da comunidade em geral” (PINTO, Céli Regina Jardim, 2003. p. 105).

Ainda segundo Pinto (2003), o grupo de projetos elaborado pela Geledés em 2001 são bem diversos, pois há intervenções ligadas aos órgãos estatais e a luta por políticas públicas. Essa organização possui programas que tem por finalidade produzir espaços públicos de discussão, fomentando a conscientização e o “empoderamento”, como por exemplo, as oficinas de sexualidade e saúde e o Projeto Rapper.

A autora finaliza as suas contribuições referentes à história do feminismo no Brasil enfatizando que o homem como sujeito na história não é mais visto como protagonista e que as mulheres também possuem participação na história social. Céli Regina Jardim Pinto (2003) em sua obra, se preocupa em abordar os temas que os movimentos feministas trataram como a participação política, os direitos da mulher, a discussão da questão da saúde e a violência contra a mulher. Aponta de forma muito cuidadosa cada fase que o movimento passou no Brasil. Afirma que a trajetória do feminismo no Brasil não acaba aqui. Como muitas outras lutas populares e identitárias no Brasil, o feminismo tem uma longa história pela frente (PINTO, 2003, p.106).

## **1.1 O Feminismo na sua Contemporaneidade**

É fato que o movimento feminista ao traçar a sua trajetória adquiriu novas direções e visões diversificadas. Quais rumos esse movimento tomaria no início do século XXI? O feminismo na sua era contemporânea ainda busca sua afirmação. Há quem diga que o movimento feminista se encontra em uma fase terminal, como é o caso da autora Mary Hawkesworth (2006 apud RIBEIRO, 2006), onde a mesma levanta duas hipóteses para a suposta morte do feminismo:

o “obituário”, como um conjunto de idéias que revelam mudanças no campo feminista como abandono do propósito original – conscientização, política confrontacional e afirmação de bandeiras de luta. Como se o feminismo tivesse se esgotado com o tempo; e “extinção evolucionária”, demonstrando a proposição de um processo de seleção natural, como se fosse fatalidade. Trata-se aqui da visão pós-feminista como uma forte convicção de que a visão feminista “extinguiu-se ou

logo se extinguirá”, ou que “o pós-feminismo é um marcador de tempo assim como de espaço, sugerindo uma seqüência temporal na qual o feminismo foi transcendido, ocluído, ultrapassado [...] se foi, partiu, morreu” (HAWKESWORTH, 2006, apud RIBEIRO, 2006, p. 802)

Contrapondo a hipótese de Hawkesworth, Ribeiro (2006), afirma que é preciso analisar essa conversa se orientando pela visão e pelo acúmulo do ativismo brasileiro e latino-americano-caribenho. Perante essa vivência internacional do feminismo, se constata que não é hora de determinar o fim do movimento, ou seja, essa morte esta distante de ocorrer, pois o movimento feminista possui um viés para mudanças, não deixando de existir; já que, se transforma e se moderniza. Ribeiro (2006), em seu artigo *O feminismo em novas rotas e visões*, explica que a articulação feminista tem por objetivo incentivar as mudanças sociais para as mulheres e para toda a sociedade. Expõe que esse movimento não é homogêneo e que se têm várias dificuldades na sua estruturação devido a sua multiplicidade, como por exemplo, a questão racial, étnica, condição econômica, orientação sexual, geração.

A autora levanta a problematização do aparecimento de novas atrizes, que colocam como pauta a integração dos temas raciais e étnicos no debate feminista. De acordo com Sandra Azeredo (1994), citada por Ribeiro (2006, p. 803), devido à forma como o movimento feminista tem se organizado, a imagem da feminista tem sido caracterizada como branca, de classe média e intelectualizada. Diante dessa reflexão, fica explícita a problemática atrelada à invisibilidade das ações políticas das mulheres negras. Ao longo da história, a sociedade tem aceitado mais as reivindicações das mulheres brancas deixando assim o discurso e a produção teórica das mulheres negras invisibilizadas (RIBEIRO, 2006). É colocada para a sociedade a desmistificação do conflito e da exclusão das mulheres negras já que, atuando no movimento negro e feminista, essas mulheres tomam consciência da importância do seu papel na história, passam não só a contribuir para serem reconhecidas como sujeitos políticos, mas também, elaboram uma trajetória muito peculiar e autônoma. Buscaram e buscaram afirmar a subsistência, direitos sociais e políticos, com uma qualidade de vida para si, seus familiares e para sua comunidade. Conforme Ribeiro (2006, p. 804), a agenda política das mulheres negras transcende as questões de gênero, abarcando o combate ao racismo, à discriminação e ao preconceito racial.

De acordo com Matilde Ribeiro (1995), a Conferência de Beijing possibilitou a abertura da discussão sobre o feminismo e as relações raciais e étnicas em âmbito mundial

(RIBEIRO, 1995, apud, RIBEIRO, 2006, p. 805). Foi a partir da Conferência que se elaborou a Declaração de Beijing'95, documento que se compromete a favor dos direitos humanos. Mais tarde, com a III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, em 2001 (ONU, 2002 apud, RIBEIRO, 2006, p. 805) se deu o aumento das discussões no âmbito das mulheres negras, as feministas e as militantes anti-racistas. Nesse sentido, o movimento feminista possui o compromisso com o projeto político de fomentar a igualdade de gênero e raça, promovendo a qualidade e a ampliação no âmbito teórico, prático e técnico, com a finalidade de estabelecer ações para que órgãos municipais, estaduais e federais sejam sensíveis às reivindicações dos movimentos feministas, de mulheres e anti-racista (RIBEIRO, 2006).

Outro fator que pode ser demonstrado como vigor do movimento feminista é a quantidade de participantes na elaboração da Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres em 2011. Presume-se em 200 mil, já que estavam organizadas em coletivos, partidos, sindicatos e organizações comunitárias (BRASIL, 2003, apud, GOMES e SORJ, 2014, p. 434). Dessa forma, é controverso o desaparecimento do movimento feminista já que é notável a sua presença eficaz na sociedade brasileira. Conforme destacam Gomes e Sorj (2014), essa vitalidade se manifesta por um conjunto muito variado de identidades políticas, com diferentes graus de institucionalização e variados modos de expressão. Dessa forma, fica evidente que a manifestação do feminismo na sua contemporaneidade é a Marcha das vadias, que passa a ser objeto de estudo para compreender as diversas gerações de feministas com contradições e desafios inerentes a esse tipo de ativismo. Gomes e Sorj (2014) argumentam que o corpo possui um papel importante e com dualidades na Marcha das Vadias, pois:

é objeto de reivindicação (autonomia das mulheres sobre seus corpos) e é também o principal instrumento de protesto, suporte de comunicação. É um corpo-bandeira. Ao subverter o uso acusatório do termo “vadia”, a marcha reivindica o termo para si e o ressignifica positivamente com “empoderamento”<sup>2</sup>. O slogan “Se ser livre é ser vadia, então somos todas vadias”, comum às *marchas* de diversas cidades, ilustra esta idéia central. Para expressá-la, as/os participantes lançam mão de roupas sensuais, batom vermelho e topless nas *marchas*. Palavras de ordem são escritas em seus corpos, como “meu corpo, minhas regras”, “meu corpo não é um convite”, “puta livre”, “útero laico”, “sem padrão”. Pelo artifício da provocação, o corpo é usado para questionar as normas de gênero, em especial as regras de apresentação do corpo feminino no espaço público. Ao mesmo tempo, o corpo é um artefato no qual cada participante procura expressar alguma mensagem que o particulariza (GOMES e SORJ, 2014, p. 437).

---

<sup>2</sup> Conforme informações do site da Slutwalk Toronto: <<http://WWW.slutwalktoronto.com/about/how>>. Apud GOMES e SORJ, 2014, p. 437.

Para tal, fica evidente que a liberdade com relação ao corpo era mostrada pelas gerações precedentes de feministas através das demandas como, a descriminalização do aborto, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher. Já para as feministas contemporâneas, o corpo possui um sentido mais vasto, ou seja, a autonomia do corpo transcende a questão da reprodução, da saúde e a articulação de políticas públicas correspondentes, passando a fazer alusão principalmente a descoberta desse corpo, sendo visto como subjetivo. Dessa forma, nas marchas a sensualidade dos corpos é exaltada e questionam os padrões de beleza feminina.

Outro ponto marcante do feminismo na sua contemporaneidade abordado por GOMES e SORJ, (2014), é o surgimento do sujeito político do feminismo de forma mais diversificada, sendo não exclusivo pela identidade sexual e biológica da mulher. Conforme Maluf (2006), citada por GOMES e SORJ (2014 p. 438), o X Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe em 2005, ocorrido em Serra Negra, já demarcava essas contradições, pois mulheres transexuais exigiam a participação oficial e o reconhecimento como grupo identitário nesse encontro, mas foi negado pela comissão organizadora, se baseando no argumento da definição biológica do gênero. Sucedia também nesse encontro outros grupos, como por exemplo, as lésbicas, as negras, as indígenas e as jovens se expressando enquanto grupos específicos. Sendo assim, essas disputas situam o sujeito e a subjetividade no núcleo do feminismo contemporâneo.

## Capítulo 2

### 2. O Bairro Maré

A Maré se localiza às margens da Baía de Guanabara, passando por entre as três vias principais de acesso à cidade do Rio de Janeiro, ou seja, a Linha Vermelha, a Linha Amarela e pela Avenida Brasil. Apesar de existir como território desde os anos de 1940, de acordo com o guia de ruas da Maré elaborado pelas instituições Redes de Desenvolvimento da Maré e Observatório de Favelas foi somente em 1994 que uma Lei Municipal criou o Bairro Maré e agrupou comunidades distintas que até aquele momento não se reconheciam como uma unidade (Guia de Ruas da Maré, 2012, p. 17). Assim, esse bairro é o maior conjunto de favelas da região da Leopoldina com, aproximadamente 130 mil moradores distribuídos em 40 mil domicílios sobre uma área de 4,3 quilômetros quadrados (SILVA et al., 2010, apud, BELFORT; DINIZ; RIBEIRO, 2012 p.83). Sendo composta por 16 favelas são elas: Marcílio Dias, Praia de Ramos, Roquete Pinto, Parque União, Rubens Vaz, Nova Holanda, Parque Maré, Nova Maré, Baixa do Sapateiro, Morro do Timbau, Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Pinheiros, Vila dos Pinheiros, Novo Pinheiros, Vila do João, e Conjunto Esperança.

Neste contexto, esse guia destaca que

apesar de suas especificidades históricas e de suas características próprias as comunidades que compõem a Maré tinham e ainda têm muitos traços em comum, tais como: as histórias de luta pela permanência em seu lugar de origem, as reivindicações por melhorias e a superação das inúmeras adversidades como a pobreza e o preconceito (Guia de Ruas da Maré, 2012, p. 17).

#### 2.1 Perfil Sócio-Econômico da população do Bairro Maré

Para tanto, a Redes de Desenvolvimento da Maré afirma que esse reconhecimento como bairro não proporcionou grandes transformações para a vida desses moradores já que, tanto as relações com os governantes em diferentes espaços como com a própria cidade ainda são limitadas. Cabe ressaltar, que ainda há muito que se investir na área da educação, pois somente duas escolas do referido bairro ofertam ensino médio. Estes fatores fazem com que os moradores desse local, prossigam os seus estudos em outras áreas da cidade.

Diante da realidade do bairro Maré, o Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP) elaborou um documento que teve como objetivo, elencar e analisar um rol de informações disponíveis sobre a Maré, esse documento denomina-se: Diagnóstico para a Sustentabilidade do Desenvolvimento da Maré. De acordo com esse documento no que se refere ao nível de escolaridade dos habitantes do Bairro Maré as taxas de pessoas não alfabetizadas na Maré são superiores tanto em relação à Região Administrativa de Ramos quanto ao município do Rio de Janeiro para todas as faixas etárias apresentadas (Diagnóstico para a Sustentabilidade do Desenvolvimento da Maré, 2016, p. 127).

Ainda nos passos do referido documento,

particularmente preocupante é a taxa de meninos entre 8 e 9 anos (11,9%) e o número absoluto de pessoas (7.445), especialmente mulheres (3.862), não alfabetizadas com mais de 15 anos. Embora a faixa etária mais velha tenha uma taxa de analfabetismo de 7,7%, portanto mais baixa que o índice da faixa etária anterior, o número bruto de pessoas não alfabetizadas com mais de 15 anos é muito mais elevado. O número de pessoas não alfabetizadas com mais de 15 anos corresponde a 88,8% de todos os não alfabetizados da Maré, sendo que deste percentual, a maioria são mulheres (Diagnóstico para a Sustentabilidade do Desenvolvimento da Maré, 2016, p. 127).

Em relação a renda média dos habitantes do bairro, conforme as pesquisas do Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos (IPP) para a elaboração do documento em questão, são negativos os indicadores de rendimento. Para o indicador rendimento nominal mensal domiciliar *per capita* dos domicílios particulares na Maré é possível notar que cerca de  $\frac{2}{3}$  dos domicílios da Maré tem um rendimento mensal *per capita* de até um salário mínimo, um índice bem mais elevado que a cidade do Rio de Janeiro. Somente 5,5% dos domicílios possuem renda domiciliar *per capita* de mais de dois salários mínimos - quase sete vezes menor que o município do Rio de Janeiro. Já para o indicador de responsáveis pelos particulares permanentes, a maior desproporção entre a Maré e o rio de Janeiro se encontra nas faixas salariais de “mais de  $\frac{1}{2}$  a um salário mínimo” e “mais de três salários mínimos”. A primeira faixa corresponde a 32,2% dos domicílios na Maré possuem um responsável que obtém entre  $\frac{1}{2}$  salário mínimo e um salário mínimo enquanto na cidade esse índice se apresenta em 17,1%. A segunda faixa equivale a 5,1% dos domicílios na Maré possuem responsável com renda superior a três salários mínimos; já para a cidade esse índice sobe para 33,3%, o que deixa claro um grande abismo entre os indicadores de renda da Maré em comparação com a cidade (Diagnóstico para a Sustentabilidade do Desenvolvimento da Maré, 2016, p.128).



Ainda sobre este indicador esse documento demonstra dados no tocante da questão da desigualdade de gênero no bairro. O indicador dados referentes ao sexo e renda dos responsáveis pelos domicílios apresenta que 629 mulheres ganham até ½ salário mínimo contra 143 homens que recebem o mesmo valor. Para a faixa salarial superior de ½ salário até um salário mínimo, 7.217 mulheres correspondem ao ganho desse salário contra 6.087 dos homens. A realidade das mulheres não se diferencia para os rendimentos superior a 2 salários ou até 3 salários (são apenas 722 mulheres contra 3.121 homens na faixa superior a 2 salários até 3 salários e 350 mulheres contra 1.717 homens na faixa superior a 3 salários).

Dessa forma, o documento explicita que:

Estes dados corroboram a tendência nacional observada no mercado de trabalho, em que, de um modo geral, mulheres ganham menos, seja por receberem salários menores que os conferidos aos homens - mesmo quando ambos ocupam as mesmas funções - por exercerem funções menos valorizadas, ou, ainda, por trabalharem de maneira remunerada em horário parcial, visto que muitas possuem dupla jornada, realizando além das funções remuneradas fora da residência, serviços domésticos (Diagnóstico para a Sustentabilidade do Desenvolvimento da Maré, 2016, p. 50).

Com relação a equipamentos urbanos e sociais, a Maré possui um bom fluxo de transporte público para a mobilidade do morador tanto para fora da Maré como para dentro do bairro. Os meios de transporte que compõem a circulação dos moradores são as vans e moto taxi, esses meios de transportes permitem a mobilidade desses moradores tanto de dentro para fora como de fora para dentro do bairro. Como a Maré se localiza as margens da Av. Brasil e da Linha Vermelha e agora tendo a Linha Amarela que corta alguma de suas regiões os moradores por sua vez, possuem um fácil acesso a saída e a entrada do bairro. Ao todos são 13 pontos que atendem o perímetro do Bairro, porém penetrado em seu tecido há somente 1 ponto com 1 linha disponível. Os demais 12 pontos localizam-se nas faixas laterais da Avenida Brasil ou acessos da Linha Amarela e Av. Brigadeiro Trompowski (Diagnóstico para a Sustentabilidade do Desenvolvimento da Maré, 2016, p.109). Essa região também possui em seu entorno Atendimento realizado pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) Nelson Mandela. Esse equipamento administra os programas Cartão Família Carioca, Família Carioca em Casa e Bolsa Família. Outro equipamento não menos importante de desenvolvimento social é o Centro de Referência de Mulheres da Maré Carminha Rosa (CRMM-CR), este oferece atendimento e acompanhamento psicológico, social e orientação jurídica para mulheres em situação de violência, assim como, cursos, oficinas e atividades culturais para as mulheres da Maré.

No que corresponde a infra estrutura do Bairro Maré segundo a pesquisa realizada pelo Instituto Pereira Passos (2016) tanto a energia elétrica, quanto o abastecimento de água, esgotamento sanitário e resíduos sólidos, obtiveram bons resultados na média, apenas dois quesitos se apresentaram negativos. O primeiro está relacionado a altos índices de distribuição de energia elétrica sem medição nas localidades da Vila do Pinheiro e da Avenida Canal. Já no quesito de esgotamento sanitário deixam a desejar nas áreas da Avenida Canal, Avenida Canal II e Pata Choca, pois, possuem alta taxa de inadequação no sistema (Diagnóstico para a Sustentabilidade do Desenvolvimento da Maré, 2016, p. 130).

No que tange a parte escolar da localidade, o Bairro Maré é composto por 06 EDIs (Espaço de Desenvolvimento Infantil), que abrange tanto a pré-escola como a creche em um único espaço. Atende crianças de seis meses a 5 anos e 11 meses de idade; possui sete creches municipais; 16 escolas municipais, das quais 11 são Escolas do Amanhã em regime de turno único (educação em tempo integral com atividades extracurriculares no contraturno); uma escola municipal voltada para a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e duas escolas que oferecem ensino médio completo.

A Maré também conta com a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, localizada na Nova Maré; duas Biblioteca Popular Municipal, uma dentro da Lona Cultural e a Biblioteca Popular Escritor Lima Barreto que se localiza ao lado da REDES; cinco Pontos de Cultura: Museu da Maré, Centro do Teatro do Oprimido, Centro de Artes da Maré, Observatório de Favelas, a Ong Redes de Desenvolvimento da Maré e o Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM) sendo também uma Ong.

Com relação aos equipamentos de saúde a Maré possui seis Centros Municipais de Saúde (CMS) e duas Clínica da Família (CF), uma Unidade de Pronto Atendimento (UPA), um Centro de Atenção Psicossocial (CAPSI), são unidades especializadas em saúde mental para tratamento e reinserção social para o público infanto-juvenil com transtorno mental grave e persistente; 02 núcleos do Programa Academia Carioca da Saúde, localizados no CMS Vila do João e na CF Augusto Boal, que oferecem atividades físicas como suporte ao tratamento médico de pacientes, em especial aqueles com quadros de doenças crônicas. Assim como, três Academias da Terceira Idade (ATI), localizadas no Piscinão de Ramos, no Conjunto Esperança e Parque União.

Por fim no que diz respeito a parte de lazer a Maré possui duas Vilas Olímpicas. A Vila Olímpica da Maré, localizada na Baixa do Sapateiro, e a Vila Olímpica de Ramos (Piscinão) além de intervenções artísticas e culturais em espaços públicos.

Para tal, uma das principais conclusões a partir das impressões como moradora é de que mesmo uma favela se diferenciando de outra, há inúmeros problemas em comum. Ainda se tem a ausência por parte do Estado de se criar prioridade no caminhar da qualificação desses equipamentos seja na Maré ou em outras favelas. Nesse sentido, a Maré é considerada como um bairro, mas se comparada a sua estrutura no geral ela não corresponde às outras áreas urbanas da cidade, ou seja, cabe ao poder público a realização de ações no que compete a infraestrutura para que a Maré seja realmente constituída como bairro. No campo da saúde, falta ainda oferecer algumas especialidades, como por exemplo, a ortopedia, a pediatria, a dermatologia nesses postos já existentes. Na área da educação, é perceptível um número pequeno de escolas que ofertem o ensino médio já que, a Maré possui 16 favelas sendo importante a abertura de novas escolas para os estudantes de ensino médio. Com relação à energia elétrica a Maré ainda não possui a manutenção da rede já existente. No que diz respeito ao campo do esporte e do lazer é imprescindível a existência de todas as modalidades de esportes na Vila Olímpica assim como, a reforma das quadras de esportes já presentes na Maré.

## **2.2 Dados sobre violência contra a mulher no bairro Maré**

É sabido que, nos últimos anos vem crescendo o número de casos de violência contra a mulher. Cabe ressaltar que a sociedade direciona julgamentos para as mulheres que sofrem violência doméstica sendo assim, essa mulher sofre violência por duas vezes. Alguns casos se tornam repetitivos, pois a maioria das mulheres continua a manter um convívio familiar com os seus agressores, seja por medo de romper o relacionamento, por vergonha de procurar ajuda e ser criticada, seja por dependência econômica dos parceiros para o sustento da família.

Com a finalidade de prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher a Lei de Nº 11.340/2006, conhecida também como Lei Maria da Penha a qual foi criada para combater a banalização da violência contra a mulher que por sua vez, é perpassada através dos costumes históricos no bojo do domínio dos homens sobre as mulheres. Esta situação não está descolada de uma sociedade machista e patriarcal, na qual as mulheres culturalmente foram

forjadas. Segundo Saffioti (2004), o patriarcado é um caso específico das relações sociais de gênero que por sua vez estas, são desiguais e hierárquicas. A autora acredita que o sistema patriarcal e sua ideologia impregnam a sociedade e o Estado. Para ela, na ordem patriarcal de gênero, o poder é exercido por quem for homem, branco e heterossexual.

Desta forma, nos passos da autora, a sociedade é perpassada não apenas por discriminações de gênero, como também de raça, etnia, classe social e orientação sexual, de modo que a grande contradição da sociedade atual é composta pelo nó patriarcado, racismo e capitalismo.

Nesse sentido irei destacar alguns dados referentes à violência contra a mulher no bairro da Maré. Diante dessa realidade o site Rio Como Vamos<sup>3</sup> elaborou uma pesquisa sobre agressão à mulher no bairro em questão. Irei apresentar especificamente os períodos trimestrais de 2014 e 2015. De acordo com o site o número de mulheres que sofreram ameaça<sup>4</sup> no primeiro trimestre de 2015 se elevou com relação ao primeiro trimestre de 2014. Já no segundo trimestre de 2014 o número de ameaças foi mais alto em relação ao segundo trimestre de 2015. No caso do terceiro trimestre de 2014 o número de ameaças foi mais baixo do que em 2015, aumentando assim o número de ameaças no quarto trimestre de 2015.

Na categoria lesão corporal<sup>5</sup> o número se agravou no primeiro trimestre de 2015 em relação ao primeiro trimestre de 2014 se diferenciando assim, para um aumento no segundo trimestre de 2014 em comparação ao segundo trimestre de 2015. Os números referentes ao terceiro trimestre de 2014 se encontram baixos se comparados ao terceiro trimestre de 2015, se elevando assim o quarto trimestre de 2015 em relação ao ano de 2014. No que compete a categoria estupro de acordo com a pesquisa elaborada pelo site Rio Como Vamos o número de mulheres estupradas na Maré se elevou no segundo, terceiro e quarto trimestre de 2015 em relação aos trimestres de 2014 (Fonte: Rio Como Vamos; ISP/SESEG).

Frente a essa realidade é necessário se levar em conta um aspecto muito importante no que diz respeito aos dados estatísticos sistemáticos e oficiais no que tange a violência contra as mulheres. De acordo com a Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra As

---

<sup>3</sup> Fora os levantamentos anuais e trimestrais, o Rio Como Vamos realiza pesquisa de percepção a cada dois anos. Nela o cidadão carioca avalia a cidade e seus serviços públicos, revelando suas expectativas para um Rio de Janeiro melhor. Também é feito o cruzamento de dados de pesquisa do IBGE e do INEP, entre outros órgãos, que permitem a avaliação comparativa dos resultados obtidos pelo movimento.

<sup>4</sup> Inclui registros enquadrados na Lei 11.340/06 (Lei Maria da Penha).

<sup>5</sup> Inclui lesão corporal, lesão corporal de natureza grave e violência doméstica e familiar.

Mulheres (2011) “ainda que seja um fenômeno reconhecidamente presente na vida de milhões de brasileiras, não existem estatísticas sistemáticas e oficiais que apontem para a magnitude desse fenômeno”. Em acordo com essa análise essa política nos afirma que mesmo com a carência de dados oficiais, a percepção é de que a violência doméstica é um problema da maior gravidade e aponta para o reconhecimento de sua existência e das sérias consequências que atingem – física e psicologicamente – as mulheres vitimadas (Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra As Mulheres, 2011, p. 13).

Somada a essa questão,

a Lei Maria da Penha prevê a criação de um Sistema Nacional de Dados e Estatísticas sobre a Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher. Ainda no que se refere às iniciativas do governo para a construção de estatísticas oficiais, há que se registrar duas importantes fontes: o sistema de notificação compulsória dos casos de violência contra a mulher, sob responsabilidade do Ministério da Saúde<sup>6</sup>; e o Sistema Nacional de Estatísticas de Segurança Pública e Justiça Criminal/SINESPJC (que inclui o Módulo Registro das Ocorrências; o Módulo Perfil das Instituições de Segurança Pública; a Pesquisa Nacional de Vitimização; o Fluxo do Sistema de Justiça Criminal), sob responsabilidade da Secretaria Nacional de Segurança Pública/ Ministério da Justiça (Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra As Mulheres, 2011, p. 14).

Entretanto, não faltam esforços na atualidade para enfrentar esse fenômeno cabe destacar neste ponto que, um dos objetivos de enfrentamento de todas as formas de violência contra as mulheres supracitado no quarto capítulo do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres 2013/2015 é a redução dos índices de toda forma de violência contra as mulheres.

Logo, um dos planos de ação desse Plano é a criação do Sistema Nacional de Dados sobre a Violência contra as Mulheres tendo como órgão responsável a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) em parcerias com o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), Ministério da Justiça (MJ), Ministério da Saúde (MS) e com a Secretaria de Direitos Humanos (SDH). Não obstante a esta constatação, fica claro a importância da implementação de um Sistema Nacional de Dados e Estatísticos sobre a Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, dando visibilidade a este fenômeno que por sua vez é uma forma de violação dos Direitos Humanos. Pitanguy (2013) problematiza que é posto para esse fenômeno certa invisibilidade, pois se naturaliza a desigualdade de gênero, que por sua vez, é uma forma de aceitação social e de legitimar essa desigualdade. Essa

---

<sup>6</sup> Os dados referentes à violência contra as mulheres passaram a ser sistematicamente notificados pelos serviços de saúde em 2006, por meio da Vigilância de Violência e Acidentes (VIVA), a partir da promulgação da Lei nº10.778 de 24 de novembro de 2004, que estabelece a “notificação compulsória, no território nacional, do caso de violência contra a mulher que for atendida em serviços de saúde públicos ou privados”.

invisibilidade e a impunidade da violência quando executados no ambiente doméstico, tem graves efeitos socioeconômicos criando assim um indicador de grau de igualdade de gênero existente na sociedade. De acordo com Pitanguy (2013), a naturalização da desigualdade de gênero é um instrumento fundamental para a aceitação social e legitimação desta desigualdade (Pitanguy, 2013, p. 117).

### **2.3 Maré de Sabores / Curso de Gênero e Cidadania**

O Projeto Maré de Sabores é um projeto da ONG Redes de Desenvolvimento da Maré. Esse projeto surge a partir de levantamento de demandas das mulheres que são mães, tias, irmãs ou alunos (as) que participam de alguma atividade na ONG. Esse Projeto se desenvolveu a partir do Programa Criança Petrobras (PCP). Esse Programa executa uma atividade com os responsáveis das crianças que são atendidas pelo PCP em encontros quinzenais. Essa atividade se denomina “Grupo de Pais” nela são abordados temas que possuem alguma importância social para os que residem na Maré como, por exemplo, educação e a continuidade das crianças na escola.

Dessa forma, as demandas e as necessidades de se elaborar um trabalho que abordasse a temática de gênero, cidadania e mobilização comunitária se tornaram latentes, pois a maior parte dos que participam dos encontros do “Grupo de Pais” são mulheres, como também, uma forte presença feminina em outras ações que a REDES desenvolve neste espaço. Esse processo, coadunado a outros fatores, moveram a REDES a implementar o projeto Maré de Sabores em 2010.

O Projeto Maré de sabores busca em sua totalidade oferecer capacitação gastronômica para as mulheres residentes do Bairro Maré, como também, uma oficina voltada para as questões de gênero e cidadania. O curso é elaborado através de dois módulos, em dois encontros semanais, com aulas de confeitaria, panificação, aproveitamento de alimentos, produção orgânica, massas, confecção de chocolates, dentre outros; e formação nas áreas de gênero, direitos da mulher, mobilização, saúde reprodutiva, participação comunitária, desenvolvimento e gestão participativa.

Vale ressaltar as demandas identificadas pela instituição para a elaboração do referido projeto em questão. Um elemento observado pela Redes de Desenvolvimento da Maré é que grande parte dessas mulheres sofrem de algum tipo de violência doméstica seja a física, a

moral, a verbal, a psicológica ou a patrimonial. Sem contar a violência por parte do Estado com a violação dos direitos, bem como, a falta de creche para os seus filhos, baixa qualidade na prestação dos serviços de saúde e grande dificuldade de obter uma vaga em uma escola que fique próxima a sua residência. Parte dessas mulheres são chefes de família ou contribuem de forma significativa na composição da renda familiar. Nesse sentido, percebe-se que essas mulheres necessitam de uma qualificação profissional em áreas que propiciem a sua permanência em casa ou próximo de casa não afetando assim, os seus afazeres domésticos e o cuidar dos filhos. Há um princípio da REDES de que “todo e qualquer projeto de qualificação para o mercado de trabalho ou para a realização de atividades remuneradas, deve estar acompanhado de uma capacitação na área de gênero, cidadania e direitos humanos” (Projeto Maré de Sabores, 2013, P. 2). Esse princípio esporado pela instituição visa auxiliar no processo de formação de uma organização coletiva das mulheres que lhes desenvolva mais autonomia. A instituição compreende que a junção entre projetos que capacitem para atividades remuneradas e orientação sobre direitos humanos, cidadania e gênero tem impacto sobre o combate à violência contra as mulheres.

Na oficina de gênero e cidadania são abordados temas diversos para as mulheres. Essa oficina acontece em uma sala que fica localizada na sede da REDES, mais precisamente na comunidade Nova Holanda, onde todas se sentam e prestam atenção na fala da professora que ministra essa oficina por slides e documentários. A oficina é ofertada uma vez na semana em dois horários, uma pela manhã e outra na parte da tarde. De acordo com a coordenadora do projeto Maré de Sabores a oficina só acontecia na parte da tarde, mas foi observado pela mesma que algumas mulheres não poderiam comparecer nesse horário e com isso foi modificada para os dois horários. Dessa forma, as mulheres podem comparecer nas discussões de gênero e acompanhar as aulas de gastronomia. Temas como, machismo, patriarcado, religião, estupro, racismo, violência doméstica, educação sexista, igualdade de gênero, a representação da mulher na mídia, sexualidade, reprodução, identidade de gênero, orientação sexual, Lei Maria da Penha, divisão sexual do trabalho, saúde reprodutiva, planejamento familiar, DST's, política e direitos sexuais são discutidos com as mulheres. Elas por sua vez, participam tirando dúvidas e trocando informações.

Atualmente o Maré de Sabores se constitui na Lona Cultural Herbert Vianna com uma cozinha improvisada, contudo ainda inadequada para a realização do trabalho da gastronomia.

A Rede está enviando esforços nesse momento para a construção de um espaço mais apropriado para projetos com mulheres – A Casa das Mulheres da Maré.

## **2.4 Perfil das mulheres do Maré de Sabores**

O referido projeto possui o foco na cidadania das mulheres, buscando o aperfeiçoamento das tarefas da cozinha já exercidas em seus lares, modificando-as em fonte de renda com o auxílio da qualificação e formação ofertada pelo curso de gastronomia.

De acordo com a Redes de Desenvolvimento da Maré, a necessidade de capacitação profissional para as mulheres é latente. Tendo em vista que, as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho ainda perdura, a Redes investe na capacitação profissional dessas mulheres assim como, o incentivo ao retorno aos bancos escolares das mesmas.

Conforme a instituição, por meio de dados recolhidos nas fichas de inscrição das atendidas do projeto é possível identificar que grande parte dessas mulheres não possui o ensino médio completo. Esse dado se expressa de forma insatisfatória para a capacitação profissional solicitada pelo mercado de trabalho, já que a profissionalização só é considerada a partir do ensino médio. Outro fator importante observado nas fichas é que essa realidade é perpassada de pai e mãe para filhos, pois a maioria das mães e dos pais das participantes do projeto possui apenas o 3º ano do ensino fundamental, não finalizando o nível escolar mínimo para a qualificação e capacitação profissional.

Outra amostra de dados permite identificar a predominância da renda familiar das atendidas que equivale entre R\$ 112,00 a um salário mínimo com uma composição familiar de 4 pessoas por família. Com relação à cor a maioria se declara preta e parda, grande parte delas é casada com filho (s), com a naturalização prevalente do Rio de Janeiro e faixa etária que varia entre 16 e 61 anos.

Sendo assim, fica claro que a Redes de Desenvolvimento da Maré sustenta a afirmação da busca na melhoria da capacitação profissional dessas mulheres, dando ênfase a importância do estudo para elas e com isso alterar o papel das mesmas neste território, diminuindo o quadro de injustiça social neste espaço.



## 2.5 Redes de Desenvolvimento da Maré

A REDES é uma Ong que se localiza no Bairro Maré na comunidade da Nova Holanda, na cidade do Rio de Janeiro. A REDES se desenvolveu através de ações de um grupo de moradores em meados dos anos 80. Esse mesmo grupo já atuava em movimentos comunitários pela obtenção de direitos no referido espaço em que residiam. Foi percebido pelos primeiros moradores da Maré que tiveram acesso a universidade que só seria possível haver uma transformação se houvesse uma qualidade e uma melhoria no âmbito da educação neste espaço. Para isso, em 1998, foi elaborado um projeto, ou seja, o primeiro Curso Pré – Vestibular Comunitário que colabora até nos dias de hoje para a inserção dos moradores nas universidades públicas. Esse curso já colocou 1.200 moradores nessas universidades.

Diante desse contexto, a partir da sua constituição, como ONG em 2007, a Redes de Desenvolvimento da Maré procura por experiências transformadoras no bairro. Contém hoje 16 projetos que atingem um público de 4.000 pessoas, sendo que a maior parte são crianças e jovens. Seus exercícios, pesquisas e reflexões produzidas nas comunidades da Maré servem como porta de entrada para garantir o acesso aos direitos, assim como a motivação de elaboração de políticas públicas estruturantes para esse lugar, como também a promoção da atuação dos moradores, além de organizar uma rede de parcerias.

Essa organização busca como estratégia primordial apresentar as redes e instituições cidadãs, com ações que estejam vinculadas a melhoria da qualidade de vida dos residentes da Maré, auxiliando para que este território alcance os Indicadores de Qualidade de Vida equivalentes à média da cidade do Rio de Janeiro.

Para tal, a instituição,

consolidou ao longo do tempo parcerias com instituições estatais, da iniciativa privada, comunitárias e não governamentais a fim de realizar projetos que transformem o espaço local. No plano macro da cidade, a instituição tem como um de seus pressupostos fundantes a necessidade de se construir outro entendimento sobre os espaços populares, que passa necessariamente pela negação da lógica da “cidade partida” e do discurso da “ausência”, que caracterizam a maior parte das análises sobre as favelas cariocas. Isso significa romper com os estigmas e estereótipos que marcam de forma negativa os moradores dos espaços populares. Os estigmas dificultam a vida cotidiana em variados níveis, desde a relação com a escola dos filhos até a colocação no mercado de trabalho. Além disso, eles impedem que os cidadãos das favelas se reconheçam plenamente como cidadãos da polis, rebaixam sua autoestima e, pior de tudo, permitem a valoração diferenciada da vida

dos moradores desses espaços em relação ao conjunto da cidade (BELFORT, Marcelo; DINIZ, Edson; RIBEIRO, Paula; 2012 p.8).

No entanto, cabe salientar que a instituição enfrenta esses estigmas com novas alternativas direcionadas para os moradores da Maré, com projetos que possuem objetivos de criar possibilidades para os mesmos se qualificarem da melhor forma possível e aprimorarem seu tempo-espaço. Nesse sentido, a REDES entende que é através dessas ações, tanto com instituição como com cidadãos, que é possível sistematizar mediações amplas na Maré visando a mudança de sua estrutura social, econômica e ambiental.

Desde então, essa Organização Não Governamental vem buscando iniciativas com conteúdos de atuação nas áreas de educação, arte e cultura, produção de conhecimento e comunicação, desenvolvimento territorial, mobilização social, combate à violência desenvolvimento local, e segurança pública. Destaco aqui, algumas atividades das quais a instituição realiza, como por exemplo, oficinas de teatro, dança, música, e artes visuais, curso Pré-Vestibular Comunitário, cursos preparatórios para escolas técnicas, cursos de informática, biblioteca comunitária, cursos de idiomas, entre outros. Assim, essas atividades tem cooperado pra que os moradores ultrapassem os desafios culturais e educacionais existentes na sociedade.

Em síntese, a Redes de Desenvolvimento da Maré possui como missão: promover a construção de uma rede de Desenvolvimento Territorial através de projetos que articulem diferentes atores sociais comprometidos com a transformação estrutural da Maré e que produzam conhecimentos e ações relativas aos espaços populares, que interfiram na lógica de organização da cidade e combatam todas as formas de violência.

## Capítulo 3

### 3. Análise das Entrevistas

Para a elaboração deste trabalho, foram realizadas entrevistas com três profissionais do Projeto Maré de Sabores. A primeira entrevistada possui 23 anos, com nível superior completo de tecnóloga em gastronomia. Sua profissão é cozinheira e atualmente é professora do Maré de Sabores e moradora da Maré.

Já a segunda entrevistada tem 51 anos, é coordenadora do Projeto Maré de Sabores e da Casa das Mulheres da Maré que ainda se encontra em construção. Reside no Catete e possui nível superior completo com formação em Letras (português/inglês). Ela ministra a oficina de gênero e cidadania para as participantes do Maré de Sabores.

Por fim, a última entrevistada tem 28 anos, atualmente está fazendo doutorado, mora em Copacabana, mas já foi moradora do Bairro Maré. É professora de gastronomia, como também é coordenadora de gastronomia do Maré de Sabores.

**Em relação ao Projeto Maré de Sabores** as entrevistadas afirmam que é um projeto que teve sua origem a partir da demanda das próprias mulheres que já tinham vínculo com outro projeto da Redes chamado Programa Criança Petrobrás a qual permeava algumas escolas do Bairro Maré. Para elas o projeto não só oferece qualificação profissional em gastronomia, como também, ele proporciona o empoderamento feminino, estimula o desenvolvimento dessa mulher no campo intelectual, emocional e profissional. Possibilita para as mulheres a sua inserção no mercado formal e a geração de renda, fazendo com que elas reinventem as suas realidades com as próprias mãos.

Foi perguntado para as profissionais do projeto **qual é a sua ligação (vínculo) com a Ong Redes de Desenvolvimento da Maré**. A primeira entrevistada responde que a sua ligação se dá através do Maré de Sabores mesmo pois, ela começou no curso sendo aluna, se formou em gastronomia e passou a ser professora do curso. A segunda entrevistada afirma que essa ligação é feita pela sua função de coordenadora de projetos e que futuramente será a coordenadora da Casa das Mulheres da Maré. Já a última entrevistada apresenta o seu vínculo com a instituição dizendo que é de ter sido moradora da Maré e de ter nascido neste espaço. Ela afirma que sentiu a necessidade de retornar para a Maré, quando passou a questionar esse

território fazendo um paralelo com a sua vivência de circulação pela cidade e a partir dessa experiência colaborar para que o morador da Maré tenha uma qualidade de vida melhor.

**Em relação ao vínculo com a Maré** duas das entrevistas nasceram neste espaço. Atualmente uma é moradora do Bairro e a outra já foi moradora, mas ainda possui uma ligação familiar com a Maré já que, os seus avós maternos ainda residem neste espaço. Conta que tanto os seus avós maternos quanto paternos são nordestinos e vieram para o Rio de Janeiro na procura por uma qualidade de vida, trazendo todos os filhos e acabaram morando na Maré. Já a outra entrevistada revela que a sua ligação com a Maré se deu através de um amigo do seu pai, esse amigo morava na Nova Holanda e em alguns domingos ela vinha na Maré com o seu pai visitar esse amigo.

**No que se refere ao início do trabalho das entrevistadas na Redes de Desenvolvimento da Maré e a sua inserção no Projeto Maré de Sabores,** a primeira descreve que o seu vínculo com a Ong se deu somente através do Maré de Sabores. Começou como aluna do projeto e hoje atua como professora de gastronomia do curso.

A outra entrevistada relata que conheceu a instituição através de matérias no jornal e que achou muito interessante o simples fato de alguém estar fazendo um trabalho social dentro de uma favela.

Explica que não conhecia ninguém da REDES e que foi por intermédio de seu companheiro que conhecia a diretora da instituição que passou a ter uma relação direta com a ONG. No caso dessa profissional especificamente, é importante ressaltar que ela já tinha uma certa experiência de trabalho com o tema de gênero. Trabalhou durante cinco anos na ONU Mulheres que trabalha a questão do empoderamento das mulheres, a autonomia e etc. Em seguida veio o convite formal pela diretora da REDES para essa profissional trabalhar no Projeto Maré de Sabores, já que é o único projeto que possui essa veia de gênero.

A última entrevistada se formou em gastronomia e passou a trabalhar em lugares sofisticados do Rio de Janeiro, passou a dar consultorias em hotéis e em seguida a dar aulas de panificação em Nova Iguaçu. Adiante passou para o mestrado da UFRJ, conta que o Maré de Sabores se iniciou justamente nesse período e que passou a se direcionar para a docência. Concluiu o mestrado e iniciou o doutorado, passando a ser professora substituta da UFRJ de gastronomia.

Expõe que foi a própria Maré que deu esse empurrão de se ter uma demanda de aulas de gastronomia e de ela ter essa profissão. Afirma que foi uma procura dela mesma na

REDES “foi uma procura minha de oportunidade do que eu aprendi, de que como eu poderia dentro da minha mobilização individual contribuir para a Maré, como eu podia retornar para o meu espaço e eu ficava muito ligada nisso, nesse sentido” (M... 28 anos, professora e coordenadora de gastronomia).

Seguindo com o roteiro da entrevista explicitarei a **função das entrevistadas do Projeto Maré de Sabores, o que cada uma faz e sua rotina de trabalho**. Uma das professoras de gastronomia explica que o seu vínculo atual com o projeto é nos dias de segunda-feira, ministrando a aula de gastronomia na parte da manhã e da tarde. Além de professora, essa profissional também trabalha no Bufet Maré de Sabores que surgiu de forma espontânea, foi a partir de um evento da própria instituição que realizou um seminário de educação e que ofereceu um almoço para os participantes. Com isso, a coordenadora de gastronomia do projeto teve a ideia de ver com as participantes do projeto se elas topavam elaborar esse almoço, elas toparam e deu certo.

A partir disso, o Bufet Maré de Sabores passou a fazer coffe breaks não só para as universidades do Rio de Janeiro, como também para outros tipo de eventos. Destaco aqui, que todas as mulheres que trabalham no Bufet Maré de Sabores recebem pelos dias de produção. A outra profissional ministra a aula de gênero, coordena o projeto como um todo e elabora projetos para a captação de recursos, além dessas funções ela também representa a instituição em eventos e/ou seminários seja no Rio de Janeiro ou em outro Estado.

A terceira profissional é coordenadora de gastronomia e também do Bufet Maré de Sabores, executa a aula de gastronomia, além de coordenar a outra professora. Ela desenvolve o cardápio, assim como, foi desenvolvida por ela toda a logística de compra de insumos para o projeto acontecer.

No caso do **processo de contratação dos profissionais de gastronomia** como já foi citado acima a seleção se deu através da formação em gastronomia das duas profissionais. Esse foi o critério de seleção. No caso da primeira professora de gastronomia, foi feito um convite pelas duas coordenadoras do Maré de Sabores, para que ela voltasse para o projeto como professora já que, tinha uma formação em gastronomia e que também já tinha sido auxiliar de cozinha da coordenadora de gastronomia em um outro momento.

No que diz respeito ao **público alvo do projeto e como as pessoas são escolhidas para participar**, as três entrevistadas explicitam que são mulheres moradoras da Maré, e que tem que ser maior de dezesseis anos, mas que a idade das participantes varia entre 16 e 60

anos. No caso da escolha as entrevistadas explicam que é feita uma abertura de inscrição na REDES, na Lona da Maré e no Centro de Artes da Maré com divulgação via redes sociais e carro de som. Feita as inscrições é selecionada para fazer parte do curso por ordem de inscrição. A coordenadora do Projeto Maré de Sabores esclarece que infelizmente é essa a dinâmica já que, às vezes tem o dobro de inscritas e não há nenhum critério de escolha.

Aqui especificamente interrompo a entrevista perguntando se mulheres que não são da Maré podem participar do Maré de Sabores e as duas coordenadoras me respondem que o curso já teve alunas que não eram moradoras da Maré, mas que a instituição quer atender as moradoras da Maré, cujo foco são as mulheres das 16 comunidades do Bairro.

No tocante da **principal contribuição do projeto e o que ele deixa como resultado** a primeira entrevistada aponta a questão da percepção das mulheres em relação a novos sabores, a mudança do paladar que elas vão adquirindo ao longo do curso, com também a descoberta de novas receitas. Para além disso, ela enfatiza uma outra contribuição que é a mudança de pensamento adquirida pelas conversas de umas com as outras. Relata que, algumas mulheres não possuem contato nem com as vizinhas por que são tímidas ou envergonhadas e quando começam a fazer parte do curso elas se soltam mais. A oficina possibilita essa socialização delas dentro desse espaço e com isso elas compreendem melhor que a mulher pode contribuir para a sociedade como um todo. Para ela o projeto deixa como resultado a abertura de comércios no Bairro Maré, além disso, a ampliação da visão de mundo para essas mulheres.

A segunda profissional caminha na direção dos direitos. Para ela o curso proporciona uma informação dos direitos para essas mulheres, contribuindo para que essas participantes do curso tomem melhores decisões, comecem a trabalhar e ter a sua própria renda e com isso se livrar da violência doméstica. Já que o objetivo do curso é o combate a todo tipo de violência contra a mulher. Salienta que o curso propicia melhores condições para essas mulheres, na busca por melhores condições de renda e com isso fazer melhores escolhas de vida para si mesma e para a sua família, rompendo com a dependência financeira por meio de um trabalho que é desenvolvido por elas.

Reforça que, o caminho dessa participante do projeto de trabalhar, de ter seu próprio negócio, de trabalhar em outros lugares, de conhecer seus direitos é uma ideia empoderadora. Com isso, essa profissional assegura “o nosso principal objetivo é empoderar essas mulheres, não somente na área profissional dando o conhecimento que ela precisa para exercer uma

atividade que lhe dê um retorno financeiro, mas também, empoderando via aulas de gênero, via discussões entre as mulheres para que elas entendam um pouco o lugar que elas têm nessa sociedade, o lugar que a sociedade coloca as mulheres não só na sociedade brasileira como digo para elas no primeiro momento, mas a sociedade de todos os lugares do mundo, quase todos os países do mundo, essa é a realidade das mulheres, tem realidades ainda muito piores por que ainda tem muito pra andar e a sociedade brasileira já avançou em determinados aspectos e muitos, mas ainda tem muito o que caminhar” (S... Coordenadora do Projeto Maré de Sabores).

Para ela o principal resultado do projeto é a questão de fazer com que essas mulheres se tornem empoderadas, que elas acreditem em si mesmas, que elas podem enfrentar o mundo lá fora e que elas são boas naquilo que fazem. Outro fator de contribuição que ela aborda é o fato das aulas de gênero permitir uma reflexão acerca do cotidiano da mulher através dos temas apresentados na oficina, já que são temas que não são discutidos na mídia e no convívio social delas. Transferindo as informações e o conhecimento sobre as questões complexas da sociedade.

Frisa a importância de se ter o conhecimento dos direitos, que elas podem enfrentar o cara que está assediando a mulher na rua, que elas possuem o direito de ir e vir, de vestir o que quiserem, de ter filhos quando quiserem da forma como quiserem, de criá-los como elas quiserem.

Já a última profissional em seu ponto de vista aponta que a principal contribuição do Maré de Sabores é a mobilização da mulher pela Maré. O curso abrange as 16 comunidades da Maré e como a Lona Cultural Herbert Vianna se localiza na comunidade Nova Maré que fica na “divisa” entre as comunidades Baixa do Sapateiro e Nova Holanda, a qual se tem uma disputa pelo domínio de distintas facções criminosas e da ação policial. Nesse sentido, as mulheres tinham medo de circular por este espaço.

O curso teve sua origem mais especificamente no CIEP Operário Vicente Mariano que se localiza na Baixa do sapateiro, começou de forma tímida, mas o curso foi se ampliando e teve que ir para um lugar mais adequado, já que o espaço da escola não supria a demanda. Então o curso passou a acontecer na Lona da Maré e as mulheres passaram a circular pelo local. Outra contribuição mencionada pela entrevistada é a ampliação de um novo dialeto que a gastronomia acaba trazendo o tempo inteiro, são termos que são mais sofisticados e distantes da realidade das participantes do curso.

Outra pergunta abordada na entrevista diz respeito às **dificuldades existentes para o trabalho**. A primeira profissional coloca como uma das dificuldades a questão da ausência de algumas participantes da oficina, aponta que algumas se inscrevem e não aparecem no curso, sendo necessário fazer uma reciclagem. Explico aqui, que essa reciclagem se dá pela chamada de novas mulheres para entrar no curso. É realizada uma ligação para as mulheres que se encontram na lista de espera. Essa profissional explica melhor de forma detalhada essa dificuldade a partir do seu ponto de vista, “têm algumas alunas que vem na primeira aula e às vezes não volta. Não volta por vários motivos, então a gente chama uma mulher que estava na lista de espera. Por que abrem as inscrições e é um curso de interesse mesmo da mulherada daqui da Maré, é tanto que quando é postada alguma coisa no facebook tem muitos comentários das mulheres querendo fazer o curso. Então essa rotatividade é o nosso maior problema pra continuar” (K... 23 anos, professora de gastronomia do Maré de Sabores).

Já a outra profissional levanta como dificuldade a questão da violência, seja ela entre as facções ou pelas operações policiais no local inviabilizando as aulas. Na sua fala ela revela que “me entristece muito saber que alguém não pode sair da sua casa por que estão dando tiros de fuzil sabe, isso pra mim é muito inconcebível, eu nunca morei em favela, eu trabalho em favela é claro que eu já senti como é que funciona isso, mas eu acho profundamente desgastante essa relação das mulheres com a violência sempre muito presente” (S... Coordenadora do Projeto Maré de Sabores).

Outra dificuldade tratada pela mesma se refere ao tema da religião, da invasão da religiosidade na vida das pessoas. Diante do seu ponto de vista, as religiões evangélicas e Neo Pentecostais possuem um caráter muito agressivo direcionando uma opressão a vários grupos e elucida “opressão inclusive contra elas próprias, contra as mulheres que são tratadas nesses espaços tal qual, a bíblia anuncia e a bíblia lida por eles, com a leitura que eles querem dar e com a entonação que eles querem dar, com a tinta que eles jogam. Então, os grupos homossexuais são descartadas, quem não pode dar dinheiro ou não quer não pode ficar na igreja, tem toda uma relação ali com o dízimo, com o dinheiro que também não me agrada embora, eu saiba ali que isso também está presente nas religiões, como por exemplo, de matriz africana que são as quais eu me identifico mais, por que os lugares precisam sobreviver, mas ai você percebe que é uma sobrevivência mesmo, com um numero de pessoas reduzidíssimo que dá aquele dinheiro por que se não o centro não sobrevive. É diferente de uma multidão, de um palacete como é a Igreja Universal do Reino de Deus em diversos



lugares que recebe duas mil pessoas dando dez por cento do que recebem” (S... Coordenadora do Projeto Maré de Sabores).

Diante do exposto acima ainda com relação à segunda dificuldade abordada pela segunda profissional, a igreja católica possui a característica do sacrifício pessoal, da resignação. Já a Neo Pentecostal perpassa a idéia do sucesso, da imposição de se ter dinheiro e de possuir o melhor carro, do bem estar vir associado a uma materialidade por isso para ela, essa religião é tão bem aceita já que vivemos em uma sociedade capitalista fazendo com que mais pessoas adotem essa religião.

Para a última profissional entrevistada as dificuldades fazem parte da vida já que, nem tudo irá sair como o planejado. Ela reforça que faz tudo o que é possível com o que está sendo disponibilizado no momento, passando a ver as dificuldades como uma questão, como um processo de ultrapassar essas dificuldades que vão surgindo ao longo do trabalho. Outra dificuldade mencionada por essa profissional se refere aos conflitos armados existentes no Bairro, interferindo na frequência das mulheres nas aulas. Ela expõe que algumas mulheres comparecem quando a situação está tensa no Bairro e outras não. Em sua opinião isso se dá de como as pessoas lidam com o conflito, sendo uma ação subjetiva.

Outra pergunta que deu direção para a entrevista foi se as profissionais **consideram que o Projeto se insere em uma agenda feminista e o que seria feminismo para cada uma delas**. De acordo com a primeira entrevistada, o projeto se insere em uma agenda feminista sim, no sentido do empoderamento. Ela destaca em sua fala afirmando que “o Maré de Sabores é feminista no seu termo certo, no seu sentido correto de que são mulheres que tem vontade de serem iguais na sociedade e que querem entender também no mundo de que nós somos iguais e que nós temos os mesmos direitos e que queremos ser tratadas da mesma forma como o resto da sociedade quer ser tratada, é simples. O feminismo é simples” (K... 23 anos, professora de gastronomia do Maré de Sabores). Para ela, feminismo é a luta das mulheres pelos seus direitos civis, a luta pela igualdade de direitos.

Já para a segunda entrevistada, o projeto Maré de Sabores não se insere em uma agenda feminista, mesmo que o projeto tenha um discurso feminista e nas aulas de gênero seja abordado o tema feminismo, para ela o projeto não é uma organização feminista. Ilustra que “um grupo feminista é aquele que de alguma maneira ele empodera as mulheres, como a gente também empodera, mas eu acho que ele vai puxando as mulheres sabe, ele vai meio que cobrando que essas mulheres venham junto, vamos embora, vamos fazer e acontecer. Envolve

as mulheres em atividades inclusive políticas de participação política, de participação em espaços, em redes, em fóruns. Quem adere a um grupo feminista, sabe que isso vai fazendo parte da coisa, tem um trabalho de ativismo que a gente não cobra das nossas alunas. Se elas quiserem a partir daqui fazerem parte de grupos, irem a uma manifestação feminista que vai ter ali na praça XV, defender dentro de casa que agora é tudo compartilhado e etc. Vai ser uma decisão delas, mas a gente não impõe isso na nossa agenda. A nossa agenda não prevê participação em rede, participação em fórum, não tá isso introjetado no projeto” (S... Coordenadora do Projeto Maré de Sabores).

Reflete que isso é uma falha e que o projeto deveria estar sim em uma agenda feminista, mas que ela trabalha com a idéia de plantar a semente e explica que “eu já estou pensando em incluir uma aula só sobre feminismo, por que eu vou falando sobre o feminismo no reboco das outras coisas, mas assim, eu quero explicar o que é o feminismo, quebrar também um pouco essa lógica de que feminista é mal amada, precisa disso, precisa daquilo, não raspa o braço, não usa maquiagem. Não. Feminista pode usar maquiagem, ela pode ser a bela, recatada e do lar, ela pode ser da rua, ela pode ser da vida, ela pode ser puta, ela pode ser dona de casa, ela pode ser o que ela quiser e decidir por ela própria, a única condição é essa que ela decida por eu quero ser isto” (S... Coordenadora do Projeto Maré de Sabores).

Com relação ao feminismo, ela apresenta algumas palavras como: poder, liberdade, insubmissão, empoderamento e conhecimento. Em seu ponto de vista, o movimento feminista foi um dos movimentos mais significativo do século XX o qual se faz ainda muito importante nos dias de hoje, sendo muito decisivo em determinados momentos. Ela apresenta que “o feminismo me ensina todo dia, o filtro que tem na minha frente que é o feminista, que é anti racista me ensina todos os dias, não passa um dia sem que eu não aprenda alguma coisa sobre esses dois temas. Não passa um dia que eu não perceba que eu cresci um pouquinho pelo viés do feminismo, pela minha capacidade de absorver a abertura, mesmo que na vida prática que eu vá colocar o prato do filho, que é uma coisa que eu não faço sempre não. Mais vira e mexe eu estou lá revendo essa situação. Então, o feminismo tem essa veia da libertação, da mulher poder fazer o que ela quiser, ter nascido com este dom de fazer o que quiser, de ter nascido com vários dons e poder exercê-los com a liberdade que ela merece e que foi tolida brutalmente durante muitos séculos e que agora de um século pra cá ela começa” (S... Coordenadora do Projeto Maré de Sabores).

No caso da última profissional entrevistada, de acordo com a opinião da mesma o projeto não é um projeto político feminista. Para ela cada mulher que se insere no projeto Maré de Sabores irá se envolver do jeito que quiser e é necessário que elas tenham a informação sobre o que é o feminismo. Retrata que, “elas precisam ter essa informação e decidir o que elas irão fazer. É por que é isso, eu acho que elas recebem essa informação e decidem de um jeito mais brando de como se posicionar, porque elas se repositonam na sociedade, estão se repositonando na própria vida então eu acho que o projeto está sendo contemplado nesse movimento mais feminista aqui na Maré” (M... 28 anos, professora e coordenadora de gastronomia). No que diz respeito ao feminismo, para ela é um movimento de romper com algumas questões, não considera esse rompimento negativo e explicita que o feminismo “é a mulher também determinando para a sociedade como ela irá se comportar, não é só o homem que irá determinar. É a mulher na verdade se colocando em pé de igualdade em todos os segmentos da sociedade, demandando isso” (M... 28 anos, professora e coordenadora de gastronomia).

**Pergunto para as profissionais do Maré de Sabores se elas têm algo a mais para contribuir sobre a oficina.** A professora de gastronomia contribui afirmando que o projeto Maré de Sabores é um projeto lindo, que existe uma quantidade de mulheres que já passaram pelo projeto e além de ter passado elas continuam e declara que ela é uma história do Maré de Sabores já que, tinha o objetivo de fazer faculdade de gastronomia e conseguiu com a ajuda do projeto.

Relata ainda que, a oficina proporciona para as mulheres o entendimento de que elas podem exercer os seus objetivos mesmo tendo 35, 40 ou até 50 anos pois, as mais velhas acham que já não dá pra fazer mais nada com a idade avançada e a oficina mostra o contrário.

Já a professora de gênero e coordenadora do projeto diz que adora o Maré de Sabores e que ele tem um grande potencial. Demonstra que acredita na força apresentada pelas mulheres que o frequentam já que elas se inserem no projeto muito desacreditadas de si mesmas. Comenta que “a sensação que eu tenho é que a elas nunca lhe foi mostrada a força que elas têm, nunca lhe foi pontuado que elas têm uma força, que elas têm uma vibração, que elas têm potência, que elas são importantes, que elas são inteligentes, sabe eu fico nessa vibe de tentar (S... Coordenadora do Projeto Maré de Sabores).

A professora de gastronomia e coordenadora de gastronomia comenta sobre a oficina que existe uma certa sensibilidade do projeto que é a transformação social das mulheres

através da auto-estima explica que “tem mulheres que não falam muito, vem pra cá tímidas e sabe-se lá por que elas pararam aqui também, tentando extrapolar essa dificuldade e depois de um tempo o curso vai acontecendo e vão conhecendo mulheres muito parecidas com elas e se entendendo como em parte de um coletivo e isso está muito ligado também ao feminismo, outras mulheres falando, elas conseguem se entender e depois elas se transformam em outra mulher que, em quatro ou cinco meses de curso a gente consegue perceber essa melhoria , por exemplo, da auto estima delas” (M... 28 anos, professora e coordenadora de gastronomia). Aponta que a oficina também é um lugar de catarse das mulheres, onde as mesmas, contam das dificuldades e a cozinha da oficina é um espaço da qual elas se sentem bem para isso.

**Foi perguntado para as entrevistadas como cada uma avalia o efeito do curso nas mulheres que o frequentam.** A primeira entrevistada vê o efeito da transformação, de mudar a cabeça de algumas mulheres, como também, a elevação do ego delas já que elas passam a contribuir para o sustento da casa. Já a segunda entrevistada explica que o projeto está tentando construir um instrumento de avaliação para poder obter algum retorno sobre isso. O curso acaba e as mulheres vão embora, e não se sabe muito o que aconteceu depois de dois ou três meses por exemplo. Essa profissional começa a refletir sobre perguntas como: não se sabe se tem alguma mulher trabalhando no ramo da gastronomia, se tem alguma mulher que se emancipou mais, se tem alguém que se libertou um pouquinho de suas amarras. Completa a reflexão apresentando esse efeito como um efeito subjetivo e que esse resultado pode ser mais perceptível para as mulheres que começaram a trabalhar, que passaram a aumentar a sua renda ou para aquelas que ampliaram as suas possibilidades.

A última profissional entrevistada observa o efeito do curso a partir de cada demanda apresentada pelas mulheres, denota que algumas irão trabalhar, outras irão para a qualificação profissional, já outras apenas procuram a diversidade, outras querem apenas fazer outros cursos, já outras irão ter o desejo de participar do bufet Maré de Sabores e outras apenas querem aprender receitas novas para sair da cozinha tradicional, para não cozinhar sempre a mesma coisa.

**Como última pergunta do roteiro, foi perguntado a partir da opinião de cada profissional entrevistada se o curso tem cumprido os seus objetivos de forma efetiva nas mulheres.** As entrevistadas afirmam que sim. Para a professora de gastronomia o curso possui o viés da transformação já que o objetivo da oficina não é só ensinar a gastronomia e

sim através da gastronomia se obter uma mudança de pensamento, fazendo com que a mulher seja protagonista da sua própria história.

Já a professora de gênero e coordenadora do projeto salienta a importância de se ter um instrumento de avaliação posterior com a finalidade de se obter um retorno para a instituição, mas explica que no momento a ONG não possui equipe para isso, que ideias ela têm e que está apta para a elaboração desse instrumento de avaliação mas que a falta dessa equipe para ligar para as mulheres, aplicar o instrumento e avaliar qualitativamente inviabiliza não só esse retorno, como também, a produção de insumos para se obter uma melhoria.

Por fim, a professora e coordenadora de gastronomia menciona a ida para a Casa das Mulheres da Maré, esse deslocamento irá proporcionar para as participantes do projeto equipamentos mais adequados e uma estrutura mais apropriada, já que as aulas de gastronomia acontecem em uma cozinha improvisada na Lona Cultural Herbert Vianna. Possibilitando uma melhor qualificação para as mulheres, preparando essas mulheres para qualquer espaço, seja dentro ou fora da Maré.

## **Considerações Finais**

A experiência vivenciada no campo de estágio-extensão do CRMM-CR permitiu constatar a dificuldade das mulheres que sofrem violência superar uma relação de dependência financeira e emocional. Não obstante, este ato, além de ser uma agressão aos direitos à liberdade da mulher, causa impacto no direito das crianças e adolescentes que presenciam cenas de violência no âmbito familiar. Não há dúvidas de que a violência contra as mulheres é uma grave violação dos direitos humanos. Seu impacto varia entre consequências físicas, sexuais e psicológicas para as mesmas, incluindo a morte. Ela afeta negativamente o bem-estar geral das mulheres e as impede de participar plenamente na sociedade.

A violência não só tem consequências negativas para as mulheres, mas também para suas famílias, para a comunidade e para o país em geral. Logo, ainda que se tenha avançado bastante, com a emancipação progressiva do gênero feminino, não foram superados os paradigmas de uma tradição patriarcal, no qual é naturalizado o direito dos homens de controlar as mulheres, podendo chegar, até mesmo, à violência.

Dessa forma, fica claro que o Projeto Maré de Sabores possui um significado importante para a vida das moradoras do Bairro Maré assim como, os estudos feministas que possui grande relevância, devido ao seu caráter político, os quais destacam o papel das mulheres na luta pela efetivação de sua cidadania, pela luta da igualdade de direitos, a luta pelo fim da dominação de um gênero sobre outro, e pelo empoderamento feminino.

Nessa direção, o referido projeto favorece para essas mulheres uma qualificação profissional em gastronomia e a geração de renda bem como, o empoderamento feminino, a ampliação e reflexão intelectual através de informações passadas nas aulas de gênero, como por exemplo, o conhecimento dos direitos da mulher. Outro ponto interessante que o projeto propicia é a questão da autonomia, da autoestima e a coletividade das mulheres que frequentam o curso.

Assim, de acordo com a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, Convenção de Belém do Pará explica que:

Quando as mulheres são capazes de reconhecer direitos, violações e tomam conhecimentos da existência de instrumentos capazes de produzir alguma reparação sentem-se fortalecidas para o exercício de sua cidadania. A apropriação pelas mulheres de instrumentos internacionais como a Convenção de Belém do Pará exerce um papel fundamental, uma vez que para a efetiva fruição de direitos é

necessário seu reconhecimento (Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher - Convenção de Belém do Pará, 2004, p. 7).

Assim sendo, fica explícito que o Projeto Maré de Sabores caminha na direção para a construção de novas subjetividades femininas, tendo como mecanismo para que isso ocorra à questão dos processos de aprendizagem coletiva que a oficina proporciona, pois o Maré de Sabores reproduz a ação de plantar a semente para que essas mulheres sejam protagonistas de si mesmas, com incentivos de reflexão sobre o papel feminino na sociedade e as desigualdades entre gêneros. Essa subjetividade permite para as mesmas a ruptura da dependência financeira a qual, ainda é um dos fatores da permanência da mulher nos casos de violência doméstica assim, essa geração de renda pode promover a sua autonomia tendo como grande conquista o rompimento com o ciclo de violência. Além disso, empoderar é um mecanismo para diminuir as desigualdades que ainda existem nos campos sociais, políticos e econômicos no que diz respeito às mulheres.

Cabe ressaltar, que o empoderamento feminino é um ato político coletivo, sendo inerente a ordem da mudança subjetiva, se configura na resistência da mulher a um meio de opressão de gênero. Permite que a mulher seja a protagonista de luta por uma equidade de gênero, onde cada uma tanto com suas vivências e diferenças irá ocupar os espaços do privado ao público. Para pensarmos coletivamente precisamos respeitar nossas diferenças e refletir acerca das pautas de cada feminismo distintamente. Dessa maneira, o empoderamento precisa ser pensado para todas, já que a mulher negra terá uma pauta diferente da mulher branca, a lésbica da heterossexual, a trans em relação à cis, a pobre e favelada em relação à mulher de classe mais favorecida e assim por diante. Quando se fala em empoderamento feminino é importante retomar ao contexto histórico de luta das mulheres que, como já foi elucidado, durante muito tempo as mulheres foram vistas pela sociedade patriarcal e machista como seres inferiores e com os seus direitos violados.

Nessa sequencia, fica explícito que o Projeto Maré de Sabores possui um viés de empreendedorismo para as mulheres do Bairro Maré, não no sentido de incorporar aos valores do mercado, mas sim de se apropriar de um conhecimento, ou seja, a gastronomia para fazer com que essas mulheres reflitam sobre o seu contexto de vida, direciona para as mesmas a possibilidade de ideias novas e o desejo de transformá-las em realidade. Perante esse contexto, fica fácil compreender a relação entre o empoderamento feminino e a geração de renda: ocupar um lugar de destaque no mercado de trabalho, conquistando sua independência

financeira e melhorando sua autoestima, é uma excelente ferramenta de empoderamento para as mulheres, já que em grande parte dos casos estão sempre em busca de novas maneiras de conciliar família e trabalho. Diante do exposto, fica evidente a importância do empoderamento feminino na vida e na conquista dos direitos da mulher. Uma das formas mais eficazes de alcançá-lo é através da qualificação profissional, da autonomia financeira conquistada, do maior conhecimento pelas mulheres sobre seus direitos como cidadãs, da autoestima fortalecida, da não submissão, da autoconfiança, da dignidade, do fortalecimento de si, da organização coletiva e o conhecimento por meio da educação e da cultura. Investindo em novas ideias e atitudes, as mulheres são capazes de conquistar sua autonomia e, por consequência, ocupar um papel ainda mais importante na sociedade ampliando assim as possibilidades sendo protagonista da sua própria história.

Ainda assim, é importante frisar que apesar de o projeto possuir estratégias para um caminhar em prol do empoderamento feminino das participantes da oficina, como foi apresentado por uma das profissionais entrevistadas, o projeto não possui um instrumento de avaliação para recolher dados sobre o efeito/significado na vida dessas participantes após o término do curso. Como foi explicado pela mesma, não se tem informações das mulheres depois que o curso é finalizado e observa que esse efeito pode ser visto de forma subjetiva e que pode ser mais inteligível para aquelas que passaram a aumentar a sua renda, ou para as mulheres que se inseriram no mercado de trabalho ou até mesmo para aquelas que consideraram o sentido de possibilidades de transformação.

Entende-se a importância de instrumentos como este para a análise dos resultados esperados, como por exemplo, o retorno para a instituição assim como, a busca de insumos por uma melhoria no referido projeto. Entretanto, como já foi mencionado por uma das entrevistadas a Ong nesse momento não possui equipe para aplicar o instrumento de avaliação dificultando assim, as análises de efeito do curso causadas nas frequentadoras do mesmo.

Outro fator que cabe destacar é a questão da violência no Bairro Maré, essa situação a qual os moradores do bairro vivenciam constantemente com intensos tiroteios, seja por conflitos entre facções distintas pela disputa por território para ampliar os lucros de vendas de drogas ou por operações policiais realizadas no território na “guerra” ao tráfico tendo como base a lógica da política de segurança pública assim, diminui-se significativamente a frequência das mulheres na oficina uma vez que, os conflitos são intensos as coordenadoras do projeto optam pela suspensão das atividades do curso nos dias de conflitos armados.



## Referências Bibliográficas:

10 anos da adoção da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, Convenção de Belém do Pará / Agende Ações em Gênero Cidadania e Desenvolvimento – Brasília: AGENDE, 2004. 36p.

BRASIL. Lei 11.340, de 07 de agosto de 2006. **Lei Maria da Penha**. Criar mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Brasília; 2006.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria de Políticas para as Mulheres. **Plano Nacional de Políticas para as Mulheres**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2013 - 2015, 114 p.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria de Políticas para s Mulheres. **Política Nacional de Enfrentamento à Violência contra a Mulher**. Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2011.

GOMES, Carla and SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil**. Revista Sociedade e Estado. Agosto 2014, vol.29 n°.2, p. 433-447.

Instituto Municipal de Urbanismo Pereira Passos. **Diagnóstico para a Sustentabilidade do Desenvolvimento da Maré, 2016**. <http://www.rio.rj.gov.br/web/ipp> acesso em 2 de agosto de 2016.

NÓBREGA Júnior, Edson Dinis; BELFORT Marcelo de Castro e Silva; RIBEIRO Paula. **Memória e identidade dos moradores de Nova Holanda**. Rio de Janeiro: Redes da Maré, 2012.

Novas Perspectivas de Gênero no século XXI. Cadernos Adenauer. Ed: Konrad Adenauer Stiftung. Ano XIV 2013. Rio de Janeiro. Fundação Konrad Adenauer. Outubro 2013.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

REDES DE DESENVOLVIMENTO DA MARÉ. Disponível em: <http://redesdamare.org.br/>. Acesso em 22 de março de 2016.

\_\_\_\_\_. Documento interno. Projeto Maré de Sabores, 2013.

\_\_\_\_\_. **Guia de Ruas**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2012.

RIBEIRO, Matilde. **O feminismo em novas rotas e visões**. Revista Estudos Feministas. Dezembro 2006, vol.14, n°3, p. 801-811.

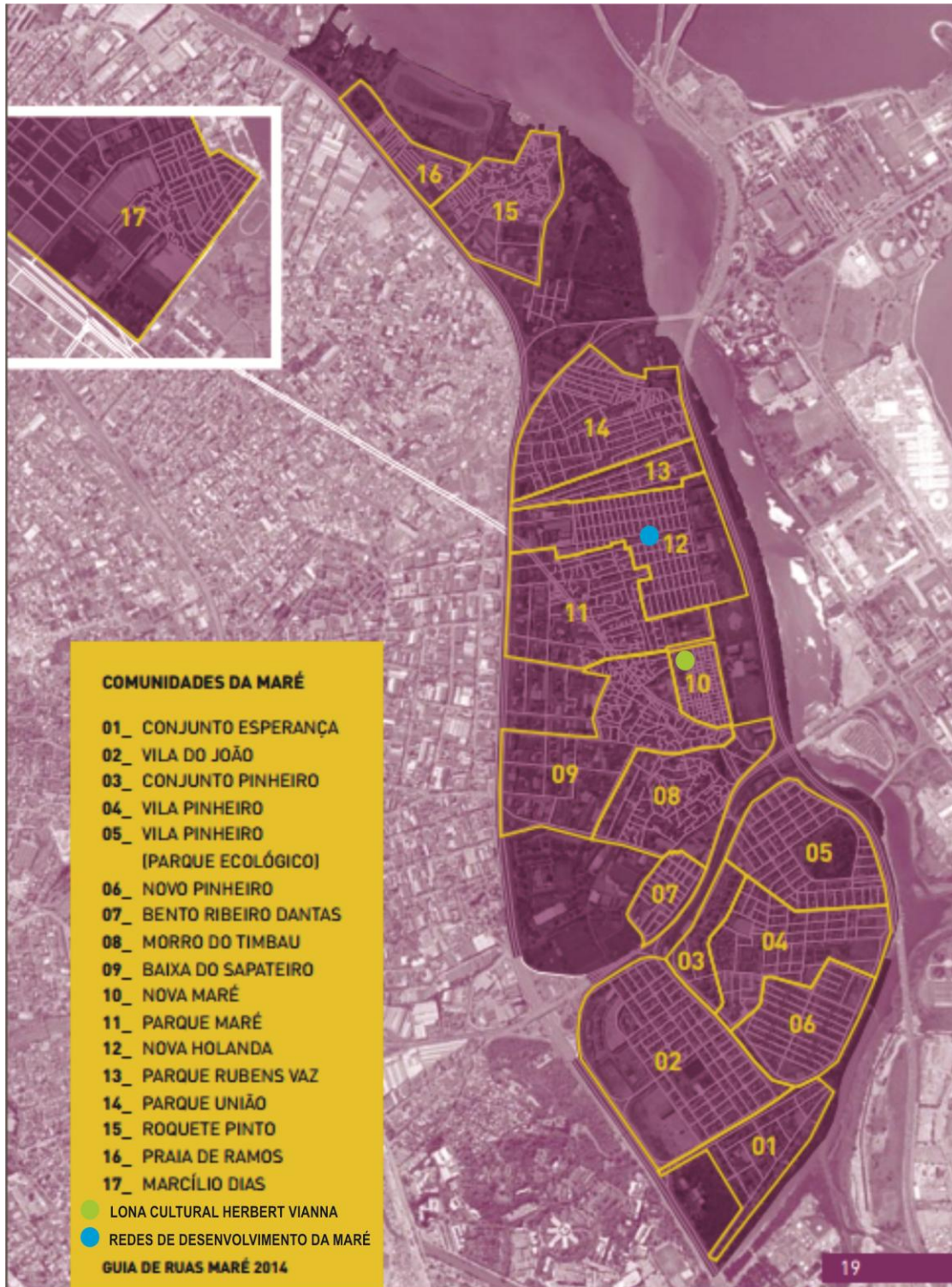
RIO COMO VAMOS. Disponível em: <http://riocomovamos.org.br/site/>. Acesso em 6 de agosto de 2016.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SOARES, Vera. A construção da cidadania fragilizada. In: EMILIO, M.; TEIXEIRA, M.; NOBRE, M.; GODINHO, T. (Org). **Trabalho e Cidadania para as mulheres: desafios para a política pública**. São Paulo, Coordenadoria Especial da Mulher, 2003, p. 89-98.

## Anexos

Mapa do Bairro Maré e a localização da oficina de Gastronomia e de Gênero.



## **Roteiro de Entrevista para os profissionais do Projeto Maré de Sabores**

1. Você pode me falar seu nome, sua idade, profissão?
2. Onde você mora?
3. Qual é o seu nível de escolaridade?
4. O que é o projeto Maré de Sabores?
5. Qual é a sua ligação (vínculo) com a Ong Redes?
6. E com a Maré?
7. Quando você começou a trabalhar aqui na Redes? E com o projeto Maré de Sabores? Conte-me um pouco de sua trajetória aqui até chegar ao projeto.
8. Explique a sua função no Projeto Maré de Sabores? O que você faz? Qual é a sua rotina?
9. Como se dá o processo de contratação dos profissionais da gastronomia? Como é feita a seleção?
10. Quem é o público alvo do projeto? Como as pessoas são escolhidas para participar?
11. Em sua opinião, qual é a principal contribuição do projeto? O que ele deixa como resultado?
12. Existem dificuldades para o trabalho? Quais seriam?
13. Você considera que o projeto se insere em uma agenda feminista? O que é feminismo pra você?
14. Você teria algo a mais a contribuir ou comentar sobre a oficina?
15. Como você avalia o efeito do curso nas mulheres que o frequentam?
16. Em sua opinião você acha que o curso tem cumprido os seus objetivos de forma efetiva nas mulheres? Por que?